

**CENTRO UNIVERSITÁRIO – CATÓLICA DE SANTA CATARINA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA
LUCIANO DE ARAUJO**

A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA E SUA APLICAÇÃO

**JOINVILLE
2016**

LUCIANO DE ARAUJO

A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA E SUA APLICAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Teologia, do Centro Universitário Católica de Santa Catarina, em Joinville, como requisito para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profa. Sílvia Regina Nunes da Rosa Togneri

**JOINVILLE
2016**

LUCIANO DE ARAUJO

A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA E SUA APLICAÇÃO

Monografia apresentada junto ao curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Santa Catarina na área de concentração de Estudos Bíblicos como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ms. Sílvia Regina N. da R. Togneri
Centro Universitário Católica de Santa Catarina

Prof. Dr. Itamar Luis Gelain
Centro Universitário Católica de Santa Catarina

Prof. Dr. Waldir Souza
Centro Universitário Católica de Santa Catarina

Joinville, 23 de novembro de 2016

Aos meus pais, Ivete e Manoel, que de Deus receberam minha vida, e dela cuidaram, para que eu pudesse chegar a mais esta etapa da minha história.

À minha esposa, e *melhor parte de mim*, Aline, que, em muitos momentos, assumiu o meu papel em nossa família, para que eu pudesse me dedicar ao curso de Teologia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado com sua graça, para percorrer e completar esta jornada.

À minha família, pelo apoio e compreensão.

Ao padre Sérgio da Silva, pelo incentivo em cursar Teologia.

À Diocese de Joinville e à Paróquia São João Batista – Fátima, pelos incentivos concedidos aos leigos, incluindo a mim, para ingressar nesse curso.

Ao Centro Universitário Católica de Santa Catarina, por propiciar à comunidade joinvilense a oportunidade de estudar Teologia.

Ao padre Márcio Bolda da Silva, que, enquanto coordenador do curso de Teologia, mostrou-me o valor da busca pelo saber teológico.

À professora Sílvia, por sua orientação neste trabalho.

A todos os professores do curso, por sua dedicação em transmitir o conhecimento teológico.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo e amizade, fundamentais para amenizar as dificuldades encontradas pelo caminho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Para o futuro, se espera: que sejam feitos estudos sempre profundos da beleza e da riqueza da Casa do Povo, mas que sejam feitos à luz que vem da rua e da alegria do povo; que, assim, os estudos de hoje contribuam para aumentar ainda mais a alegria. Alegria que nasce da vida de hoje que o povo vive, da vida de ontem que os doutores estudam, da vida de amanhã que todos esperam.

Frei Carlos Mesters, em “A parábola da porta (ou a História da Explicação da Bíblia ao Povo)”

RESUMO

A fé cristã, especificamente a católica, tem como uma de suas bases a Bíblia. Em função disso, é imprescindível não só o acesso aos textos sagrados, mas também sua interpretação e assimilação, de forma a alimentar a fé dos fiéis; em outras palavras, faz-se necessário desenvolver métodos que ajudem a incorporar a Palavra de Deus, presente na Bíblia, à vida dos que creem. Devido ao impulso que a leitura e estudo da Bíblia sofreu após o Concílio Vaticano II, muitos métodos surgiram, dentre eles, o de Leitura Popular da Bíblia, cujo objetivo é fazer com que até as pessoas mais humildes, sem conhecimento bíblico ou acadêmico, possam ter contato com as Sagradas Escrituras e dela extrair o que precisam para aprofundar sua fé. O objetivo deste trabalho é aprofundar o conhecimento acerca do método de Leitura Popular da Bíblia, elencando suas contribuições e verificando sua aplicabilidade no contexto da Igreja Católica em Santa Catarina. Para isso, propõe-se verificar o processo histórico de abertura à leitura da Bíblia, e que levou ao surgimento do método; situar o método de Leitura Popular da Bíblia em relação aos diversos métodos existentes; descrever seus elementos estruturais e sua dinâmica; analisar os espaços onde o referido método é aplicado. A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho consistiu de levantamento bibliográfico extenso acerca do tema, onde a maior parte das obras consultadas foram produzidas por Carlos Mesters e o CEBI, organização criada por Mesters com o propósito de promover a Leitura Popular da Bíblia. Ao final do trabalho, pode-se perceber que a Leitura Popular da Bíblia continua válida enquanto método de leitura, que se encontra presente em muitos ambientes eclesiais, e que muito da sua dinâmica e dos seus elementos estão distribuídos nos diversos espaços onde se pratica a leitura e estudo da Bíblia.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Círculos Bíblicos. Leitura Popular. Aplicação.

ABSTRACT

The Christian faith, particularly the catholic one, has the Holy Bible as one of our basis. Due to this, it's fundamental the access to Holy Scripture in order to nourish the faith of believers, as well as its interpretation and assimilation; in other words, it's necessary to develop methods to help to incorporate the Word of God contained in the Scriptures into the life of believers. Due to the impulse applied to the Bible reading and study after the Second Vatican Council, many methods arise, one of them called Popular Reading of Holy Bible, which aims the humble people, without biblical or academic knowledge, to have contact with Holy Scriptures, helping them to extract from that what they need to develop their own faith. The goal of this work is to deepen the knowledge about Popular Reading of Holy Bible, enumerating its contributions and verifying its applicability considering the Catholic Church context on Santa Catarina State. In order to reach this goal, the proposes of this work is to verify the historical process that leaded to a wider reading of the Holy Bible, which in turn drives to the rise of Popular Reading method; to situate the Popular Reading of the Holy Bible method in relation of the other existing methods; to describe its structural elements and dynamics; to analyze spaces where the referred method is applied. The methodology used to develop this study consisted of extensive bibliographical research about the theme, and many of the consulted books were produced by Carlos Mesters and CEBI, organization created by Mesters with the intent of promote the Popular Reading method. At the end of this study, we can note that the Popular Reading of Holy Bible remains a valid reading method and it is present in many ecclesial environments, and many of its dynamics and elements are distributed in several places where occurs the reading and study of Holy Bible.

KEYWORDS: Holy Bible. Biblical Circle. Popular Reading. Application.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2Tm	Segunda Carta a Timóteo
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
DAS	Carta Encíclica <i>Divino Afflante Spiritu</i>
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
DP	Documento de Puebla
GBF	Grupo Bíblico em Família
GBR	Grupo Bíblico de Reflexão
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
Jo	Evangelho de João
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LEB	Liga dos Estudos Bíblicos
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
Mt	Evangelho de Mateus
MOBON	Movimento da Boa Nova
PNV	A Palavra na Vida
Rm	Carta aos Romanos
VD	Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 POR QUE O MÉTODO DE LEITURA POPULAR DA BÍBLIA?.....	12
1.2 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	13
2 A LEITURA DA BÍBLIA.....	14
2.1 A BÍBLIA E SEU USO AO LONGO DA HISTÓRIA.....	14
2.1.1 A Bíblia no Judaísmo e no Cristianismo nascente.....	15
2.1.2 A Bíblia na Cristandade.....	17
2.1.3 A Bíblia e a Reforma Protestante.....	18
2.1.4 A Bíblia na Igreja Católica pós-reforma e pré-Vaticano II.....	20
2.1.5 A Bíblia no Concílio Vaticano II e nos anos seguintes.....	21
2.1.6 A Bíblia na América Latina e no Brasil.....	23
2.2 OS MÉTODOS DE LEITURA DA BÍBLIA.....	26
3 O MÉTODO DE LEITURA POPULAR DA BÍBLIA.....	30
3.1 O IDEALIZADOR DO MÉTODO.....	30
3.2 DEFINIÇÃO.....	32
3.3 CARACTERÍSTICAS.....	34
3.3.1 O objetivo do método.....	35
3.3.2 Os dois movimentos.....	35
3.3.3 Os três ângulos.....	36
3.3.4 Os quatro contextos.....	38
3.3.5 Os cinco mandamentos.....	39
3.3.6 Os seis perigos.....	40
3.3.7 Os sete passos.....	41
3.4 O DINAMISMO DO MÉTODO.....	42
4 OS ESPAÇOS DE APLICAÇÃO.....	44
4.1 CÍRCULOS BÍBLICOS DO CEBI.....	45
4.2 GRUPOS BÍBLICOS EM FAMÍLIA.....	47
4.3 GRUPOS BÍBLICOS DE REFLEXÃO.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia, reconhecidamente, tem importância fundamental na fé cristã. As bases e os valores essenciais do Cristianismo estão registrados nas páginas das Sagradas Escrituras, as quais têm sido utilizadas desde o início para transmitir e perpetuar a ação de Deus, dos profetas e a mensagem de Jesus, Palavra de Deus encarnada. Tal importância é reforçada pelas palavras do papa Bento XVI, que diz: “De fato, a Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou sempre nela a sua força [...]” (VD 3). É notável, por tanto, que, em virtude desse papel de grande relevância na propagação da fé, o acesso aos textos sagrados seja imprescindível.

Ao longo do tempo, muitas foram as maneiras de se fazer chegar a Bíblia até as pessoas. Durante muitos séculos, porém, a Bíblia e o conhecimento dos textos bíblicos estiveram restritos a grupos limitados dentro da Igreja Católica. Grande parte do baixo clero e a absoluta maioria do povo dependiam exclusivamente do que era dito a respeito dos textos bíblicos em homilias e pregações, sem ter a possibilidade de um estudo e interpretação independentes. Somente com a Reforma Protestante, no século XVI, a Bíblia voltou às mãos das pessoas, especialmente no âmbito protestante, e os textos sagrados foram difundidos de forma ampla.

Entretanto, a Igreja Católica só adotou essa postura no final do século XIX, a partir do pontificado do papa Leão XIII, e com mais empenho após o Concílio Vaticano II¹, com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*. E conforme aponta a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini* (VD), sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja: “[...] houve um crescendo de intervenções visando suscitar maior consciência da importância da Palavra de Deus e dos estudos bíblicos na vida da Igreja [...]” (VD 3).

Em virtude disso, no final do século XIX, germinou um processo de revitalização bíblica, que resgatou a importância das Sagradas Escrituras como Palavra de Deus. Os movimentos em favor da leitura e pesquisa bíblicas surgidos nessa época, e o aprofundamento bíblico por parte do clero e de vários grupos de fiéis culminaram no retorno dos textos sagrados às mãos dos católicos, após o

1 O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o último concílio ecumênico realizado pela Igreja Católica, e representou uma guinada radical na forma como a instituição se coloca no mundo contemporâneo. Vários aspectos da Igreja foram reformulados a partir dos documentos elaborados nesse encontro, que reuniu mais de 2500 bispos de todo o mundo, além de teólogos e observadores de outras denominações cristãs e religiões.

Concílio Vaticano II. A partir daí, desencadeou-se um vigoroso processo de aproximar o povo da Bíblia.

Em decorrência do impulso recebido desse concílio, surgiram diversas iniciativas de cunho acadêmico e científico, que levaram ao surgimento de vários grupos de estudo e reflexão bíblica. Eles surgiram com o grande desafio de tornar as Sagradas Escrituras compreensíveis a todos, ao mesmo tempo em que interpretações errôneas e equivocadas deveriam ser mitigadas. Talvez, por isso, o enfoque dado nesses grupos limitava a participação às pessoas com maior formação.

Mesmo com todo o cuidado, o acesso aos textos bíblicos, em muitos casos, deu-se sem a devida preparação para interpretar e assimilar seu conteúdo, causando uma certa frustração, principalmente nos meios mais populares. Tal situação instalou-se devido ao incipiente conhecimento histórico e social desses grupos, e que se faz necessário para um bom aproveitamento do estudo bíblico.

Para compensar essa lacuna, adotou-se uma nova abordagem: o modo de condução de grupos de estudo bíblico foi modificado para considerar o conhecimento empírico dos integrantes e, a partir dessa base, elaborar uma compreensão do texto bíblico que fosse consistente com as necessidades e questionamentos da vida cotidiana. Diversos estudiosos em Bíblia, entre eles frei Carlos Mesters, propuseram um método de leitura que privilegia o conhecimento pessoal e da situação da vida cotidiana, permitindo que pessoas de origem mais humilde também tivessem acesso à riqueza presente nas Sagradas Escrituras (MARIN, 1992).

Percebe-se que, a partir das abordagens citadas até aqui, originou-se uma multiplicidade de métodos de leitura e estudo das Sagradas Escrituras, uns com cunho mais científico e outros com cunho mais popular.

De toda maneira, dentre todos os métodos disponíveis atualmente para a leitura e estudo das Sagradas Escrituras, chama a atenção o método de Leitura Popular da Bíblia, pois sua principal característica – seu apelo “popular” – faz dele o modelo mais adequado para ampliar a leitura e a reflexão dos textos bíblicos entre as camadas mais humildes, já que não exige de seu público a posse de um conhecimento erudito. Por não restringir o contato com as Sagradas Escrituras, apresenta-se como uma grande contribuição para impulsionar o processo da sua redescoberta, o qual veio a se consolidar no século XX.

1.1 POR QUE O MÉTODO DE LEITURA POPULAR DA BÍBLIA?

A elaboração deste trabalho, abordando a Leitura Popular da Bíblia se justifica, em primeiro lugar, por estar em consonância com o desejo expresso da Igreja de tornar a Palavra de Deus, contida nas Sagradas Escrituras, conhecida e amada por todos os membros da Igreja Católica, independentemente de sua condição social ou educacional. Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, nos aponta:

[...] como é importante que o Povo de Deus seja educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras na sua relação com a Tradição viva da Igreja, reconhecendo nelas a própria Palavra de Deus. É muito importante, do ponto de vista da vida espiritual, fazer crescer esta atitude nos fiéis (VD18).

Por sua vez, nas diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) destaca, como uma das urgências na ação evangelizadora, a Igreja como lugar de animação bíblica da vida e da pastoral (CNBB, 2011). Segundo as mesmas diretrizes, “alimentando, iluminando e orientando toda a ação pastoral, a Bíblia transborda para a totalidade da existência de pessoas e grupos, tornando-se luz para o caminho [...]” (CNBB, 2011, p. 42). Tal totalidade não pode, em hipótese alguma, excluir pessoas, qualquer que seja sua condição. E o método de Leitura Popular da Bíblia atende essa diretriz, pois procura acolher a vida, a existência de cada um para, a partir dela, elaborar uma leitura bíblica.

Dentre as contribuições que este trabalho pretende gerar, menciona-se uma melhor compreensão, um aprofundamento do método de Leitura Popular da Bíblia, determinando sua dinâmica, sua estrutura e sua fundamentação. Também pode-se apontar a ampliação da discussão acerca do referido método, no que tange à sua aplicação.

Para atingir este objetivo, pretende-se, inicialmente, compreender as formas de apropriação da Bíblia ao longo da história, fornecendo, desta maneira, os motivos para o surgimento do método de Leitura Popular da Bíblia; descrever o método em sua estrutura e sua dinâmica; analisar os espaços de sua aplicação, elencando as vias pelas quais o método ainda é aplicado, bem como sua relevância na atualidade.

1.2 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Quando corretamente aplicada em um trabalho de pesquisa, a metodologia contribui de forma significativa para o êxito do empreendimento, pois, escolhendo-se adequadamente os métodos e procedimentos a se aplicar, pode-se chegar a resultados mais precisos e consistentes.

No tocante ao tema abordado, foi utilizada, primordialmente, a pesquisa bibliográfica que, segundo Cervo, Bervian e Silva (2011, p. 60), “[...] procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses”. O processo de pesquisa iniciou-se pelo que se chama de levantamento bibliográfico preliminar que, segundo Gil (2010, p. 46), “[...] pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação”.

Como fontes para esta pesquisa, foram utilizadas as obras disponíveis no acervo da biblioteca do Centro Universitário Católica de Santa Catarina, unidade Joinville, bem como textos disponíveis em sites da Internet, especializados em Teologia e sites de pesquisa especializados em trabalhos acadêmicos, como Google Acadêmico e Scielo.

Durante o levantamento bibliográfico, foi possível perceber uma certa escassez de autores tratando especificamente de Leitura Popular da Bíblia, sendo que a maioria das obras consultadas foram editadas pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) ou por autores ligados a essa organização.

De toda forma, o presente trabalho se constituiu e o conteúdo apresentado está organizado conforme segue: capítulo 1 – esta introdução, onde damos razão do trabalho realizado; capítulo 2 – a leitura da Bíblia –, onde contextualizaremos sobre o uso das Sagradas Escrituras desde o judaísmo e cristianismo até os dias atuais e apresentaremos alguns dos principais métodos de leitura da Bíblia; capítulo 3 – o método de Leitura Popular da Bíblia –, no qual aprofundaremos o nosso objeto de estudo, abordando brevemente a biografia de seu idealizador e descrevendo as características presentes no método; capítulo 4 – os espaços de aplicação –, onde analisaremos a aplicação do método estudado em meio aos diversos espaços de reflexão bíblica popular que se encontram implantados em diversas dioceses do Brasil, especificamente em Santa Catarina; capítulo 5 – considerações finais –, onde explicitaremos algumas observações decorrentes da exposição feita neste trabalho.

2 A LEITURA DA BÍBLIA

Neste capítulo faremos uma abordagem acerca do uso da Bíblia no contexto do judaísmo e do cristianismo, desde seu princípio até os dias atuais, para que, a partir de uma brevíssima revisão histórica, possamos compreender melhor as motivações do método de Leitura Popular da Bíblia.

Além disso, abordaremos sucintamente os principais métodos de leitura da Bíblia e como o método estudado posiciona-se nesse universo, de forma a percebermos quais características o qualificam como uma forma válida de leitura bíblica.

Ambos os temas deste capítulo possuem conteúdo suficiente para serem abordados em profundidade; entretanto, tal detalhamento fugiria ao objetivo do presente estudo. Para buscar aprofundamento nos referidos assuntos, as referências bibliográficas deste trabalho podem fornecer fontes capazes de suprir a necessidade de mais detalhes.

2.1 A BÍBLIA E SEU USO AO LONGO DA HISTÓRIA

Antes de ser um livro, a Bíblia, em relação ao seu conteúdo, já existia na mente e no coração do povo judeu. Segundo Carvalho (2016, p. 39), “a Bíblia é um livro cujo texto nasceu de fatos da vida. Nasceu da necessidade que certas comunidades tiveram de compreender melhor a vida [...]”. Em dado momento, a necessidade de perpetuar a presença de Deus junto ao povo e as realizações divinas a seu favor, produziram os textos escritos que conhecemos hoje como Antigo Testamento, a primeira grande parte da Bíblia.

Disso, percebe-se que a Bíblia teve origem popular, surgindo da experiência de vida dos judeus, para quem não é um simples livro de histórias do povo, mas a Palavra de Deus, que quer se revelar na história, e que serve para confortar, orientar e corrigir, conforme atesta o apóstolo Paulo – judeu convertido ao cristianismo – escrevendo a Timóteo:

Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo: tu sabes de quem o aprendeste. Desde a infância conheces as Sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para

corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra (2Tm 3,14-17)².

Nas Sagradas Escrituras, o povo daquela época encontrava orientação para o que a vida lhes apresentava. Paulo, mais uma vez, agora aos romanos, reitera a importância dos textos sagrados: “Ora tudo o que se escreveu no passado é para nosso ensinamento que foi escrito, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15, 4).

2.1.1 A Bíblia no Judaísmo e no Cristianismo nascente

Em várias religiões, os textos sagrados constituem a base, o fundamento. Assim também se deu com o judaísmo, que há muito tempo possui a sua “Bíblia”, também denominada Escritura. E na base da Bíblia judaica está o Pentateuco ou a Torá, que corresponde aos livros da Lei – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio –, aqueles que formaram a base da sociedade e da fé judaica. Posteriormente, a eles se juntaram os Profetas e os Escritos³.

A partir daí, vários momentos da vida foram iluminados pelos textos sagrados judaicos, em forma de denúncia contra as injustiças, de conforto frente a opressão sofrida ou de orientação para as mais diversas situações do cotidiano. Ao interpretar os textos antigos para a situação atual, o povo inspirava-se para buscar soluções para os seus problemas. Conforme nos fala Carvalho (2016, p. 40), “por exemplo, a luta por libertação dos escravos do Egito inspirou os camponeses explorados de Canaã a se libertarem das cidades-estados, inspirou o regresso dos exilados da Babilônia para Judá [...]”. Em suma, Deus falava ao povo judeu também através da Bíblia.

Jesus cresceu em ambiente judaico, foi ensinado através da Torá e demais escritos e, portanto, buscou seguir o que a Lei ensinava. Mas Jesus percebeu que, em seu tempo, a Torá era usada de forma incorreta, pois o que era ensinado nas sinagogas não era o que se aplicava na prática. Os ensinamentos dos sacerdotes não correspondiam às suas ações, embora cobrassem do povo a ortodoxia e o respeito à Lei.

2 As citações bíblicas usadas neste trabalho são provenientes da Bíblia de Jerusalém, edição revista e ampliada, 2002.

3 Profetas é a forma como são denominados, no judaísmo, os livros proféticos do Antigo Testamento, como Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros. Escritos fazem referência aos livros sapienciais, aos Salmos e outros livros não incluídos na Torá ou nos Profetas (BARRADO, 2010).

Diante de tal contrassenso, Jesus parte para a ação, tentando mostrar que o que está escrito na Torá era completamente diferente do que se praticava. Jesus resgatou o verdadeiro sentido dos textos sagrados. Um texto emblemático desse resgate é o Sermão do Monte (ou da Montanha), encontrado no evangelho de Mateus, capítulos 5 a 7. Conforme consta em Mt 7,28-29, “[...] ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas”. Esse movimento de crítica da realidade, a partir das Escrituras Sagradas, feito por Jesus, pode ser entendido como uma das bases para a Leitura Popular da Bíblia.

Após a morte e ressurreição de Jesus, com os seus seguidores, surge o movimento que dará origem ao cristianismo, cujas bases judaicas fazem com que se adote os textos do Antigo Testamento como seus. Mas, o rol de livros sagrados se amplia, primeiramente em função do surgimento dos Evangelhos, e posteriormente das cartas e outros escritos apostólicos, provenientes da necessidade que as comunidades cristãs nascentes tinham de uma atualização dos textos judaicos para as situações em que estavam vivendo. É o que Carvalho (2016, p. 40) ratifica ao dizer que:

Os Evangelhos nasceram como uma experiência das necessidades catequéticas, missionárias e canônicas das comunidades cristãs de reinterpretar as tradições e escrituras que receberam do judaísmo, mas para além dele, a partir do evento Jesus de Nazaré.

Os Evangelhos, as cartas e demais escritos, que compõem o Novo Testamento, foram forjados por um longo e diversificado processo de formação, decorrente da diversidade própria das comunidades que os compuseram. Esses textos continham mensagens que logo foram lidas e adotadas por outras comunidades como Palavra de Deus. Aqui, vemos a Bíblia crescer a partir da necessidade do povo. Este ciclo – da Bíblia que ilumina a realidade do povo, que por sua vez, atualiza aquilo que é considerado texto sagrado – está, de certa forma, presente no método de Leitura Popular da Bíblia, conforme veremos mais adiante.

2.1.2 A Bíblia na Cristandade⁴

Em determinado momento da sua história, na primeira metade do século IV, para ser mais exato, o cristianismo passou de uma religião perseguida e marginal para a religião oficial do Império Romano. Isso teve um impacto sem precedentes na consolidação da religião cristã, determinando sua estrutura e possibilitando sua disseminação pelos territórios sob influência romana.

Mas, da mesma forma que foi um momento importante para o cristianismo, também implicou numa séria influência na qualidade com que se vivia a fé, pois, a partir desse momento, inicia-se um processo de conversão em massa. Já não era mais necessário um profundo conhecimento da fé e das Escrituras Sagradas. Ser cristão, na maioria das vezes, era simplesmente aderir à religião oficial do Estado, sem um autêntico compromisso com os valores do cristianismo. E o agravante da situação reside no fato de que quem não aderisse à religião do Estado, seria perseguido. Logo, não havia mais tempo para uma autêntica catequese e aprofundamento da doutrina cristã. Já não era importante conhecer a Bíblia, mas ser cristão e estar em conformidade com o Estado, apenas.

Posteriormente, o Império Romano entrou em decadência, e a Igreja precisou manter-se em pé diante das invasões bárbaras. Assim, o cristianismo entrou numa fase em que a Bíblia acabou escondida em monastérios, longe do povo, que passou apenas a ouvir as Sagradas Escrituras da boca dos clérigos nas liturgias, sem que essas palavras tivessem alguma conexão com a realidade que viviam.

Por outro lado, devem-se destacar alguns fatos em relação à Bíblia, como o surgimento da *Vulgata*, a tradução feita por São Jerônimo e sua equipe para o latim (século IV) e base de todas as traduções posteriores na Igreja Católica e o impulso da evangelização missionária na época, que levou à necessidade de se traduzir as Sagradas Escrituras para o idioma dos povos onde as missões se realizavam. Um exemplo disso é o que ocorreu com os eslavos, que foram evangelizados por Cirilo e Metódio, os quais criaram o alfabeto cirílico e com ele traduziram a Bíblia (PIERINI, 1997).

As heresias surgidas nesse período da história do cristianismo contribuíram para uma certa restrição de acesso à Bíblia, pois muitas delas foram originadas de

⁴ Cristandade é a fase histórica onde a Igreja Católica e o Estado estavam unidos, como numa relação simbiótica. Nesse período, a fé cristã teve uma ampla difusão, ao passo que assuntos de ordem eclesiástica se misturavam à questões políticas (RAMOS NETO, 2016).

interpretações errôneas, de leituras fundamentalistas ou tendenciosas dos textos sagrados, ou ainda, por considerar apenas parcialmente o cânon das Sagradas Escrituras, sem olhar o conjunto dos textos como um todo. Segundo Bettencourt (1958), estas foram “[...] situações contingentes da história” que “levaram algumas vezes as autoridades eclesiásticas a exercer vigilância sobre o uso das Escrituras”.

Ao longo da Idade Média, a Igreja Católica enfrentou vários problemas em decorrência da sua estreita ligação com o poder estatal, fazendo com que prestasse menos atenção às questões pastorais. Tal postura, segundo Pierini (1997, p. 175), “[...] influiu de maneira bastante negativa na vida litúrgica dos fiéis”, afetando também a maneira como a Bíblia era tratada dentro da Igreja.

Assim, a leitura e o estudo das Sagradas Escrituras ficaram relegados a mosteiros e a espaços de ensino administrados pela Igreja Católica, que posteriormente levaram ao surgimento das universidades. Apenas os candidatos à vida religiosa ou monástica e as famílias ricas tinham acesso a esses espaços, enquanto a maioria da população, em grande parte, analfabeta e empobrecida em função das invasões bárbaras, do feudalismo e do nacionalismo, recebia pronta da Igreja a interpretação das Sagradas Escrituras.

2.1.3 A Bíblia e a Reforma Protestante

Um importante impulso na leitura da Bíblia foi dado com a invenção da prensa e da impressão, por Gutenberg, no século XV. O primeiro livro produzido com a sua invenção foi justamente a Bíblia Sagrada. Por conta disso, conforme nos informa Bettencourt (1958):

Até 1477 saíram do prelo cinco edições da Escritura em alemão; de 1477 a 1522, vieram a lume nove edições novas [...]; de 1470 a 1520 apareceram cem edições de “Plenários”, isto é, livros que continham as epístolas e os evangelhos de cada domingo.

Esse relato demonstra a abertura que se tinha para a tradução da Bíblia em língua vernácula em várias regiões. A grande objeção da Igreja Católica, porém, eram as edições sem aprovação eclesiástica, que poderiam, devido a erros de tradução ou interpretação, desviar os fiéis da ortodoxia cristã.

Desde o século XIV, pessoas em contato com as Sagradas Escrituras e com

visão crítica da realidade, souberam perceber que aquilo que a Bíblia dizia não era o que estava sendo posto em prática pela Igreja Católica da época. Uma delas foi John Wycliff, professor da Universidade de Oxford, que “[...] defendia que a Bíblia deveria ser disponibilizada a todas as pessoas e que ela, e não o Papa, deveria ter autoridade sobre os cristãos” (RAMOS NETO, 2016, p. 23).

A partir das ideias de pensadores como Wycliff, e da insatisfação geral da população com a situação econômica, política, religiosa e social, o desejo de reforma foi tomando corpo, até consolidar-se com a publicação das 95 teses de Martinho Lutero, em 1517. Estudando a Bíblia e comparando-a com a realidade e a forma de agir da Igreja da época, percebeu a necessidade de mudança. Segundo Ramos Neto (2016), em relação à venda de indulgências⁵ praticada pela Igreja na época, Lutero toma consciência da situação depois da leitura de textos do Novo Testamento:

A partir da leitura de Romanos – e do Novo Testamento – descobriu que a salvação da alma era mérito de Deus, ou seja, era dom gratuito, de acordo com Efésios 2,8-9, e não recompensa pelo que a pessoa fazia ou deixava de fazer. Ao descobrir isso, percebeu que a venda de indulgências não tinha base bíblica (RAMOS NETO, 2016, p. 12).

O processo de Reforma Protestante, iniciado por Lutero, causou mudanças profundas no cristianismo, que já tinha sido atingido por um grande cisma em 1054, com a divisão da Igreja entre ocidente e oriente. A Igreja Protestante nascente, proporcionou uma nova face para a vivência da fé, enquanto a Igreja Católica, em resposta às mudanças ocorridas, entrou numa fase de fechamento e cautela.

Em relação à Bíblia, esta novamente voltou às mãos do povo, pois Lutero e a sua reforma possibilitaram, entre outras coisas, que a Bíblia pudesse ser amplamente lida no idioma local, o alemão. Um dos conceitos basilares do luteranismo, a *Sola Scriptura* (a Bíblia como regra de fé), demonstrava o grau de importância da Sagrada Escritura para a fé protestante. Infelizmente, a Igreja Católica, fechada a essa novidade, manteve a Bíblia apenas em latim, e um tanto distante daqueles que ainda permaneceram no cristianismo católico.

5 As indulgências visavam a satisfação dos pecados confessados. Em vez de penas espirituais, os penitentes compensavam suas faltas com valores em dinheiro; algumas vezes com bens. Tal prática possibilitou à Igreja Católica a construção de várias igrejas na Europa (RAMOS NETO, 2016).

2.1.4 A Bíblia na Igreja Católica pós-reforma e pré-Vaticano II

Enquanto os protestantes cresciam na leitura e estudo da Bíblia, incentivando a educação geral do povo e reforçando o preparo prévio dos pastores em relação aos textos bíblicos, a Igreja Católica, de maneira geral, mantinha sua posição fechada, fixando a *Vulgata* como a tradução oficial da Igreja. O contato do povo com os textos sagrados se dava, primariamente, nas liturgias eucarísticas, e as interpretações de tais textos eram fornecidas pelas homilias dos padres. Na educação cristã dos fiéis leigos, predominavam os catecismos, com pouquíssimo aporte bíblico. Apenas os ambientes de formação de padres e religiosos, bem como as universidades, possibilitavam um maior contato com as Escrituras Sagradas.

A ausência das Sagradas Escrituras na educação da fé e na vida espiritual dos cristãos gerou uma lacuna que acabou preenchida por devoções sacramentais e aos santos, tendo em vista uma fé orientada a deveres morais. Consequentemente, os textos bíblicos perderam sua relevância enquanto Palavra de Deus no espaço da liturgia e na vida da Igreja, contribuindo para afastar ainda mais a Bíblia do povo.

Todavia, lentamente, e de forma localizada, foram surgindo iniciativas para favorecer a ampliação da leitura bíblica por parte do povo. Segundo nos aponta Bettencourt (1958), “[...] foram perdendo sua atualidade as determinações que no séc. XVI controlavam o uso da S. Escritura e os Papas voltaram então a estimular a leitura da Bíblia”. Com isso, as traduções em língua vernácula voltaram a ter incentivo por parte da Igreja, ainda que não de forma oficial e consistente. Como exemplo desse incentivo, segue o que o papa Pio VI (1775-1799) escreveu ao arcebispo A. Martini, em relação a uma edição da Bíblia em italiano: “Vossa Excelência procede muito bem recomendando vivamente aos fiéis a leitura dos Livros Sagrados, pois são fontes particularmente ricas, às quais cada um deve ter acesso” (BETTENCOURT, 1958).

A mudança na Igreja Católica em relação à Bíblia começou a surgir ainda no século XIX, impulsionada pelo pensamento modernista positivista presente na sociedade e que também se infiltrou na esfera religiosa. O surgimento do método histórico-crítico de estudo da Bíblia, aliado a outros métodos e descobertas arqueológicas relacionadas às épocas bíblicas, além da própria crítica racional aos textos sagrados, gerou um maior interesse pela Bíblia por parte dos leigos.

Esses movimentos em torno das Sagradas Escrituras foram percebidos pelo

Magistério da Igreja Católica, que se manifestou através das cartas encíclicas *Providentissimus Deus*, do papa Leão XIII (1893) e *Divino Afflante Spiritu* (DAS), do papa Pio XII (1943). A primeira carta tinha um cunho apologético em relação à Bíblia, devido aos ataques feitos pelos racionalistas, que questionavam a originalidade do conteúdo e da autoria bíblica. Entretanto, o documento pontifício incentivava os estudos bíblicos nas universidades e seminários, o uso das ciências positivas para validar o conteúdo bíblico, além de sugerir fortemente que o clero se aprofundasse no conhecimento das línguas dos textos originais, como o grego e o hebraico. A segunda carta encíclica, escrita 50 anos depois, elencava todos os avanços em relação aos estudos bíblicos desde a publicação da carta *Providentissimus Deus*, reconhecia a importância da crítica textual aplicada aos textos bíblicos e incentivava ainda mais a leitura da Bíblia entre os fiéis, conforme podemos ler neste trecho:

A mesma veneração procurem os sagrados pastores instilar e aperfeiçoar cada vez mais nos fiéis comados ao seu zelo pastoral, fomentando todas as empresas de homens apostólicos que louvavelmente se esforçam por excitar e fomentar entre os católicos o conhecimento e amor dos Livros Santos. Favoreçam pois e auxiliem as associações que têm por fim difundir entre os fiéis exemplares da Sagrada Escritura, particularmente dos Evangelhos, e procurar que nas famílias cristãs se leiam regularmente todos os dias com piedade e devoção; recomendem eficazmente com palavra e exemplo, onde o consente a Liturgia, a Sagrada Escritura traduzida nas línguas modernas com a aprovação da autoridade eclesiástica; façam eles próprios conferências ou lições públicas de assuntos bíblicos, ou encarreguem de as fazer a outros oradores bem versados na matéria (DAS 26).

Em suma, nesse período, a partir do estudo científico dos textos bíblicos, iniciou-se um processo de “devolução” da Bíblia ao povo, cujo ponto alto foi atingido no Concílio Vaticano II.

2.1.5 A Bíblia no Concílio Vaticano II e nos anos seguintes

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV), que trata da revelação divina, aponta que a Palavra de Deus se faz presente na Tradição da Igreja e nas Sagradas Escrituras. E, ainda mais, entende que a revelação divina não deve ficar restrita ao clero da Igreja, mas difundida para todas as pessoas e povos, pois afinal de contas, Deus quis se revelar a toda a humanidade, e conta com seres humanos para que essa revelação chegue a todos os cantos da Terra.

Escrita a partir do Concílio Vaticano II, a constituição dogmática destaca as Sagradas Escrituras como uma das formas de transmissão da revelação divina. Segundo o documento, ao lado da Sagrada Tradição, “[...] a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe [...]” (DV 7). Tal compreensão é possível porque a “Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo” (DV 9).

Por ser um meio da revelação divina, a Bíblia é venerada pela Igreja, que recomenda fortemente a todos os fiéis que se apliquem à sua leitura, a qual pode se dar “[...] quer através da sagrada liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por meio de cursos apropriados e outros meios que nos tempos atuais se vão espalhando [...]” (DV 25). Para cumprir tal mandado, o Concílio reconhece a importância dos fiéis terem acesso amplo à Bíblia na sua língua vernácula e, por isso, recomenda e apoia as traduções, conforme segue: “Mas, visto que a Palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados” (DV 22). Deve-se ressaltar, ainda, o que o texto da Constituição Dogmática *Dei Verbum* propõe quanto ao acesso à Bíblia por parte dos não-cristãos:

Além disso, façam-se edições da Sagrada Escritura, munidas das convenientes anotações, para uso também dos não cristãos, e adaptadas às suas condições; e tanto os pastores de almas como os cristãos de qualquer estado procuram difundi-las com zelo e prudência (DV 25).

O inegável impulso dado a partir do Vaticano II fez surgir inúmeros movimentos de estudo e leitura da Bíblia, a grande maioria conduzidos por pessoas leigas. Dentre esses movimentos, houve aqueles que mantiveram o caráter científico e acadêmico para abordar a Bíblia. Outros trouxeram uma proposta mais próxima do povo, não requerendo um grande conhecimento prévio da Bíblia e das suas características históricas, sociais e geográficas. O que importava era tentar trazer a Palavra de Deus para o tempo e local atual, verificando como aqueles textos tão antigos ainda poderiam fazer sentido na atualidade.

Quarenta anos depois da promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, o papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, reconhece o impulso dado, no Concílio Vaticano II, à redescoberta da Palavra de Deus na vida da

Igreja, bem como as inúmeras contribuições do Magistério a respeito do uso e estudo das Sagradas Escrituras.

O desenvolvimento de métodos mais próximos do povo foram notados com mais propriedade na América Latina, a partir do contexto da Teologia da Libertação. Nas Comunidades Eclesiais de Base⁶ (CEBs), a Bíblia era lida e interpretada à luz da realidade das comunidades, sem muita elaboração acadêmica, mas tendo muito contato com o duro contexto dos anos 60 e 70, época de ditaduras e de opressão sistemática por parte dos governos latino-americanos.

2.1.6 A Bíblia na América Latina e no Brasil

Na América Latina, a leitura e reflexão bíblicas não foram tema de um documento eclesial específico; entretanto, nem por isso foram negligenciadas pelas Conferências Episcopais realizadas depois do Concílio Vaticano II. De forma abrangente, a Bíblia permeia todos os temas abordados nas conferências, levando a Igreja latino-americana ao contato com as Sagradas Escrituras não apenas para conhecê-la, mas para torná-la o centro da vida eclesial e comunitária.

Em seu trabalho sobre a Bíblia na América Latina, após o Concílio Vaticano II, Maia (2005) relata que a Conferência de Medellín foi a raiz do processo hermenêutico na Igreja latino-americana. Ela nos diz que, em relação à atitude da Igreja diante das “[...] tremendas injustiças sociais existentes na América Latina [...] foi este o conteúdo querigmático que provocou a busca de sentido para a ideia bíblica de libertação” (MAIA, 2005, p. 452). E ao observar que as atitudes de mulheres e homens podem encontrar respaldo na Bíblia, atesta a necessidade da presença das Sagradas Escrituras no dia a dia do povo, para ajudá-lo a iluminar a realidade.

Em Puebla, percebe-se o desdobramento do processo iniciado em Medellín, com a força libertadora que a Bíblia assume dentro da Teologia da Libertação. Tal fato foi descrito por Richard (1988, p. 8), que assim se expressa: “o mais original, mais novo e libertador no trabalho bíblico na América Latina, nas últimas décadas, aconteceu no campo da hermenêutica⁷”.

6 As Comunidades Eclesiais de Base são, segundo Betto (1988, p. 7) “pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos”.

7 Hermenêutica, segundo Maia (2005, p. 449) “esclarece, investiga e fundamenta os princípios em que se baseia aquela interpretação. Por isso é chamada ‘ciência dos princípios de interpretação’”. Em outras palavras, é a ciência que estuda a interpretação dos textos bíblicos.

Em acréscimo ao novo olhar hermenêutico, o Documento de Puebla (DP), publicado a partir da III Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), aponta também o uso da Bíblia na catequese. Um dos pontos positivos percebidos pela análise histórica realizada para a conferência é, justamente, “um amor mais acendrado à Sagrada Escritura, como fonte principal da catequese” (DP 981), o qual pode ser considerado um fruto da Conferência de Medellín.

Na Conferência de Aparecida, o tema Bíblia é um componente relevante, pois já está presente na vida da Igreja através do que se chama de animação bíblica da pastoral do povo de Deus. Na análise que faz do uso da Palavra de Deus, a partir do documento produzido pela V Conferência Episcopal Latino-Americana, há três realidades que Retamales (2007, p. 342) destaca, sendo a última relacionada com a questão da pastoral bíblica:

Quando falamos da Palavra de Deus no dito Documento nos referimos, ao menos, a três realidades:

- a) Como se emprega a Sagrada Escritura no Documento;
- b) Qual é o substrato bíblico no qual se fundamentam suas afirmações teológico-pastorais;
- c) O que diz o Documento a respeito do uso pastoral e espiritual da Escritura.

Ainda, segundo o autor:

Graças a uma renovada percepção do Espírito do CONCÍLIO VATICANO II e das instituições das CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO, hoje é possível uma *nova mentalidade* para entender a chamada “pastoral bíblica”: compreendê-la como *animação bíblica da pastoral* ou “dimensão bíblica da pastoral” (RETAMALES, 2007, p. 363, grifos do autor).

Desta forma, percebe-se que a Igreja latino-americana oficializa o novo jeito de ler e se apropriar da Bíblia ao apontar, na Conferência de Aparecida, a necessidade de romper com a ideia, ainda presente em muitos locais e mentes, de que a Bíblia é tema de uma pastoral isolada das demais. O desejo dos bispos para a Igreja da América Latina é que “[...] a Palavra de Deus consignada na Escritura suscite, forme e acompanhe a vocação e missão do discípulo de Cristo e dê conteúdo às ações organizadas da Igreja em sua missão evangelizadora” (RETAMALES, 2007, p. 367).

No Brasil, o apelo para ampliação da leitura e estudo da Palavra de Deus

sempre encontrou eco desde as primeiras provocações. Tal afirmação encontra sustento no fato de terem surgido aqui as Comunidades Eclesiais de Base, nos anos 60 e, na sua esteira, os círculos bíblicos (MESTERS; OROFINO, 2005).

Acrescente-se a isso o fato de que o Episcopado Brasileiro sempre procurou contribuir para que a Bíblia se tornasse cada vez mais próxima do povo de Deus, através de documentos e estudos voltados à animação bíblico-catequética, como, por exemplo, o documento Catequese Renovada, de 1983, e o Estudo 86 da CNBB (Crescer na Leitura da Bíblia), de 2003.

Uma das ações mais recentes em relação à animação bíblica encontra-se no Documento 94 da CNBB, que traz as diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil⁸. Nele encontramos a animação bíblica da pastoral como uma das cinco urgências na evangelização, conforme segue:

São cinco as urgências apontadas: Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação cristã; **Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral**; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos (CNBB, 2011, p. 12, grifo nosso).

Ao aprofundar a análise dessa urgência, a CNBB entende a Sagrada Escritura não como um fim em si mesma, mas uma força motriz para a ação pastoral. Por isso, os bispos do Brasil, através das diretrizes gerais, apontam esse entendimento:

A animação bíblica de toda a pastoral vai além de uma pastoral bíblica especializada, quer nos conduzir a uma iluminação bíblica de toda a vida, porque é um caminho de conhecimento e interpretação da Palavra, um caminho de comunhão e oração com a Palavra e um caminho de evangelização e proclamação da Palavra (CNBB, 2011, p. 55).

Nessa brevíssima revisão do contexto histórico em torno da Bíblia foi possível verificar que, até se chegar ao momento presente, onde encontramos diversas traduções das Sagradas Escrituras, bem como o conhecimento científico apoiando o desenvolvimento do conhecimento bíblico-teológico, um longo e conturbado caminho foi percorrido, no qual ocorreram desvios que necessitam de correção, e foram geradas lacunas que precisam ser preenchidas.

⁸ O documento 102 da CNBB, que trata das diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil para o período de 2015 a 2019, embora mais recente, apenas reitera o que foi dito no documento 94.

No que diz respeito a uma leitura bíblica proveitosa, que gere os frutos esperados e que permitam ao leitor uma correta interpretação da Palavra de Deus, o método e a forma de abordar a Bíblia têm papel fundamental. Por isso, na seção seguinte do presente capítulo apresentaremos os principais métodos de leitura da Bíblia.

2.2 OS MÉTODOS DE LEITURA DA BÍBLIA

Conforme atesta o Documento 94 da CNBB, “são vários os métodos de leitura da Bíblia” (CNBB, 2011, p. 54) e cada um deles tem um público-alvo específico ou uma maneira particular de fazer a leitura e interpretação da Palavra de Deus consignada nas Sagradas Escrituras. Isso demonstra a complexidade inerente à Bíblia que, apesar de ter como autor o próprio Deus, por intermédio da ação do Espírito Santo, foi escrita por seres humanos, dentro de contextos específicos, e que para a maioria de nós, estão distantes, tanto temporal quanto cultural e geograficamente. Em suma, a leitura e interpretação da Bíblia não é uma tarefa fácil, principalmente quando se deseja extrair seu sentido pleno, aquilo que Deus, em última instância, quer nos dizer.

A Pontifícia Comissão Bíblica, em 1993, publicou um documento intitulado “A interpretação da Bíblia na Igreja”, o qual possui orientações importantes para que se produza uma interpretação adequada das Sagradas Escrituras. Além disso, o documento enumera vários métodos, comentando suas principais características, bem como suas forças e fraquezas. Ao todo, são 13 métodos, os quais são resumidamente apresentados aqui a partir da síntese elaborada por Barrado (2010):

- a) Método histórico-crítico: baseia-se nos aspectos literários e históricos dos textos bíblicos e é considerado um método imprescindível para o estudo bíblico, segundo a Pontifícia Comissão Bíblica;
- b) Análise teórica: Método narrativo baseado em princípios da retórica, entendendo o texto bíblico como um texto construído para a persuasão;
- c) Análise narrativa: Considera o texto como um relato, e por isso, atem-se aos princípios relativos à composição e leitura dessa forma literária;
- d) Análise semiótica: Concentra-se no sentido do texto, produzido a partir das relações entre seus elementos e as estruturas que o compõe. Conforme Barrado (2010, p. 109), “[...] estuda um texto em seu estágio

final, ou seja, prescindindo de sua ‘pré-história’”;

- e) Consideração canônica: Focado nos escritores bíblicos cujos escritos formam o cânon e nas releituras das tradições que produziram os textos bíblicos;
- f) Recurso às tradições judaicas de interpretação: Utiliza-se da forma de interpretar do judaísmo para elucidar a composição e leitura dos escritos do Antigo e do Novo Testamento;
- g) A história dos efeitos do texto: Procura entender “[...] como o texto bíblico foi sendo lido ou ‘recebido’ nas diferentes épocas” (BARRADO, 2010, p. 109), utilizando-se dessa perspectiva para compreender o próprio texto;
- h) Consideração sociológica: Analisa as influências sociais presentes nos grupamentos humanos que originaram o texto bíblico;
- i) Consideração pela antropologia cultural: Em forte conexão com o método anterior, procura identificar as classes de pessoas no grupo social, e sua presença no texto bíblico;
- j) Considerações psicológicas e psicanalíticas: Faz uma leitura do texto bíblico usando teorias advindas da psicologia e da psicanálise;
- k) Consideração liberacionista: Método da Teologia da Libertação, que lê o texto em função do pobre e do oprimido;
- l) Consideração feminista: Faz uma leitura do texto bíblico considerando as influências femininas na sua produção;
- m) Leitura fundamentalista: É a leitura e interpretação literal da Bíblia, sem levar em consideração os contextos nos quais se produziu o texto bíblico, nem o dinamismo da história. Segundo Barrado (2010, p. 110), “[...] a leitura fundamentalista (ou literal) não respeita a dinâmica da vivência”.

Wegner (2002), por sua vez, condensa os métodos de leitura em três, conforme segue:

- a) Método fundamentalista: Presente na lista da Pontifícia Comissão Bíblica, “[...] parte do pressuposto de que cada detalhe da Bíblia é divinamente inspirado, não podendo, em decorrência, apresentar erros ou incongruências” (WEGNER, 2002, p. 15).
- b) Método estruturalista: Em relação ao rol elaborado pela Pontifícia Comissão Bíblica, parece ser uma compilação daqueles métodos. Segundo Wegner (2002, p. 16), percebe o texto bíblico como:

[...] estrutura e organização que produz sentido além da intenção de seu autor. [...] Dedicar-se, contudo, a responder a outras perguntas, a saber: “Como funciona o texto? Como produz seu sentido? Que se passa no texto em si? Que operações de lógica, afirmação, negação e oposição existem no texto?”.

c) Método histórico-crítico: Seu nome designa as suas características principais, ou seja:

É um método **histórico**, em primeiro lugar, porque lida com fontes históricas que, no caso da Bíblia, datam de milênios anteriores a nossa era. [...] É um método **crítico** no sentido de que necessita emitir uma série de juízos sobre as fontes que tem por objeto de estudo (WEGNER, 2002, p. 17, grifos do autor).

Os métodos citados até aqui têm um caráter essencialmente exegético, ou seja, sua principal finalidade é descobrir os elementos constituintes do texto em relação ao contexto e período em que foram escritos. Seu foco de interpretação está na origem do texto. Por outro lado, existem os métodos hermenêuticos, que buscam a interpretação da Bíblia no contexto atual. Nesse grupo, além do método de Leitura Popular da Bíblia, foco deste estudo, e que será visto em detalhes no próximo capítulo, cito o método da Leitura Orante da Bíblia⁹ (*lectio divina*), cuja origem é antiquíssima, remontando os primórdios da Igreja (MOREIRA, 2013), e que tem sido recomendado pelo Magistério da Igreja em diversos documentos como, por exemplo, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, e a Exortação Apostólica *Verbum Domini*, do papa Bento XVI.

Cabe ressaltar que os métodos não são mutuamente excludentes, havendo várias formas de complementação e de contribuição entre eles. Independente do método ou abordagem adotados, é importante levar em consideração o que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* orienta:

Mas, como a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita (9), não menos atenção se deve dar, na investigação do reto sentido dos textos sagrados, ao contexto e à unidade de toda a Escritura, tendo em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé (DV 12).

9 Para mais informações sobre Leitura Orante da Bíblia, dentre o vasto material disponível, recomendamos o livro *No Caminho, a Vida – No Trajeto, a Missão: Leitura Orante da Bíblia para Jovens*, do CEBI (MOREIRA, 2013).

Em outras palavras, ler a Bíblia requer não somente disposição e boa vontade, mas uma consciência mais apurada do conjunto, que envolve uma série de pressupostos que muitas pessoas não possuem, principalmente quem não pertence ao meio científico ou acadêmico, nem detêm formação suficiente que possa lhe dar as bases preconizadas pelos métodos aqui expostos. Este é um dos desafios que o método de Leitura Popular da Bíblia vem a enfrentar.

A partir do que apresentamos e do propósito de nosso trabalho, no próximo capítulo abordaremos, de forma ampla, o método de Leitura Popular da Bíblia.

3 O MÉTODO DE LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

A Leitura Popular da Bíblia, surgida a partir da interpretação popular da Bíblia, realizada desde os anos 60 nas CEBs, traz em seu nascimento o desejo de devolver a Bíblia para o povo. Consequentemente, vem atender a proposta do Concílio Vaticano II expressa na Constituição Dogmática *Dei Verbum*.

Todavia é importante salientar que, assim como o Concílio Vaticano II foi o culminar de um processo iniciado muito tempo antes, da mesma forma se deu o estabelecimento do método de Leitura Popular da Bíblia. Segundo Mesters (1992, p. 5), “a interpretação popular não nasceu do nada. Suas raízes se perdem no passado. Ela é fruto de uma convergência de vários fatores, misturados entre si, uns internos e outros externos às igrejas”.

3.1 O IDEALIZADOR DO MÉTODO

No capítulo anterior, fizemos uma contextualização histórica abrangente, para fornecer o alicerce sobre o qual seria construído o método de Leitura Popular da Bíblia. Nesta parte do trabalho, vamos resgatar a história recente do referido método, tratando inicialmente, e de forma breve, da biografia¹⁰ do seu principal idealizador e divulgador, o frei Carlos Mesters.

Holandês de nascimento, mas brasileiro por opção, Jacobus Gerardus Hubertus Mesters veio ao mundo em 20 de outubro de 1931, na cidade de Bunde, ao sul da Holanda, onde cresceu em meio ao ambiente rural.

Aos 17 anos, já na Ordem dos Carmelitas, decidiu vir para o Brasil de navio, em janeiro de 1949. Dois anos depois, recebeu o hábito da Ordem, e passou a ser chamado frei Carlos Mesters. No ano seguinte, em janeiro de 1952, fez sua profissão religiosa. Foi ordenado sacerdote em julho de 1957.

Cursou Teologia por duas vezes em Roma: uma enquanto noviço, no Colégio Internacional Santo Alberto, e outra após ordenado, na Faculdade *Angelicum* de Roma, em 1958. Em seguida, fez pós-graduação em ciências bíblicas pelo *Institutum Biblicum*, em Roma, e na Escola Bíblica de Jerusalém. Defendeu tese em Roma, em 1962, junto à Pontifícia Comissão Bíblica.

¹⁰ Os dados biográficos de Carlos Mesters foram obtidos do site Carlos Mesters 80 Anos (LOPES, E. 2016) e da tese de doutorado de Isabel Aparecida Felix, de título “Anseio por Dançar Diferente” (FELIX, 2010).

No Brasil, em 1963, Mesters é nomeado professor do curso de Teologia dos Carmelitas, em São Paulo, onde tem um desempenho notável, que lhe rende um convite para lecionar no Colégio Internacional Santo Alberto, em Roma, ficando na função até 1968.

De volta ao Brasil, vai para o Convento dos Carmelitas em Belo Horizonte e passa a lecionar no Instituto Central de Teologia e Filosofia da Universidade Católica de Minas Gerais. Nesse período, exerce sua militância junto a outros colegas contra os exageros do regime militar.

Entre 1968 e 1969, Mesters escreveu diversos artigos para o jornal católico “O Diário de Belo Horizonte”, os quais resultaram em duas obras: A Palavra de Deus na História dos Homens e Os Salmos hoje.

Sua atividade no meio acadêmico finda-se no início dos anos 70, quando passa a se dedicar a assessorias bíblicas em meios populares. Em 1974, vai para Crateús, no Ceará, a convite de Dom Antônio Fragoso, para pregar retiros e ministrar cursos bíblicos em várias comunidades nordestinas. Desse período e das experiências obtidas, escreve a obra: Seis dias nos porões da humanidade.

É a partir dessa vivência em regiões carentes do sertão nordestino e nas periferias dos centros urbanos, que Carlos Mesters percebe que a Bíblia está ao alcance do povo mais humilde, sem acesso à educação formal e ao conhecimento bíblico-teológico dos centros de formação eclesial e das universidades. Essa percepção foi registrada em diversas obras suas, em que procurou traduzir sua experiência prática num método que estivesse ao alcance da pessoa mais simples. Chama também a atenção o modo como Mesters escreve seus textos, fazendo largo uso de metáforas e comparações, de forma a tornar o mais fácil possível a compreensão das suas ideias. Aliás, essa era a maneira preferida de Jesus para transmitir sua mensagem acerca do Reino de Deus. Nota-se que Carlos Mesters se esforça em seguir pelo mesmo caminho, usando a linguagem que mais se aproxima do seu público-alvo.

Os diversos livros publicados (quase uma centena) e muitos outros artigos para jornais e revistas, produzidos por Mesters, certamente auxiliaram muitas pessoas a ler a Bíblia de uma maneira nova e inspiradora. Mas tudo isso ainda não era suficiente. Por isso, Carlos Mesters, junto com outros companheiros e companheiras, fundaram, em 20 de julho de 1979, o Centro de Estudos Bíblicos

(CEBI), uma associação ecumênica¹¹ de reflexão e fomento da Leitura Popular da Bíblia, com o objetivo de “[...] explicitar, articular, dinamizar e sistematizar uma leitura que já estava sendo feita pelo povo nas comunidades de fé” (MESTERS; OROFINO, 2006, p.5). Desde o início, frei Carlos Mesters foi um colaborador extremamente ativo, sendo que muitas de suas publicações foram materiais produzidos em conjunto com o CEBI.

A importância de Carlos Mesters e do CEBI para a leitura da Bíblia na América Latina é significativa, segundo atesta Barros (2015, p. 342), na introdução de seu artigo sobre a mística do reino de Deus:

Nos últimos 40 anos, a leitura bíblica latino-americana mudou de método e de forma, desde que Carlos Mesters e, com ele, o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) propuseram que se lesse a Bíblia à luz de uma linha ou diretriz que, de um modo ou de outro, desse uma chave de leitura para toda a Bíblia. [...] Para as comunidades eclesiais e grupos bíblicos, Carlos Mesters traduziu esse conceito que percorre toda a Bíblia como “um projeto de Deus”.

A habilidade do frei Carlos Mesters em traduzir um conhecimento altamente elaborado numa linguagem acessível a todos foi essencial para que o método ganhasse aceitação e ampliasse sua abrangência. Depois de termos conhecido um pouco do idealizador do método, passemos agora para a sua definição.

3.2 DEFINIÇÃO

Para definir o método de Leitura Popular da Bíblia, seguiremos, inicialmente, o caminho proposto por Carvalho (2016, p. 38), no qual sugere “[...] navegar separadamente nas águas de cada uma das palavras que formam o termo Leitura Popular da Bíblia [...]”.

A palavra “Bíblia” já foi, de certa forma, bem trabalhada no capítulo anterior, quando fizemos o embasamento histórico do método. Por isso, a partir do exposto por Carvalho (2016), destacamos apenas a ideia de que a Bíblia é um livro que nasceu de fatos da vida, sendo resultado de dois momentos: o primeiro relativo à ação salvífica de Deus no meio do povo; o segundo, quando o povo começa a

11 Além de integrantes da Igreja Católica, participam na organização e direção do CEBI membros de outras igrejas cristãs, como Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Evangélica Anglicana do Brasil, entre outras.

contar e propagar essa ação. Antes de ser palavra escrita, a Bíblia foi palavra vivida no meio do povo.

Em relação ao termo “popular”, Carvalho (2016) destaca três aspectos que estão intimamente ligados ao objeto de nosso estudo: a oralidade, os movimentos populares e a sabedoria popular. A oralidade diz respeito à capacidade de contar histórias e transmitir conhecimentos, construindo o que se chama de cultura popular. Segundo Carvalho (2016, p. 43), “[...] nela se revela o testemunho de fé das pessoas, cria laços de solidariedade, alimenta a esperança [...]”. Comunidades inteiras podem ser ricas culturalmente sem ter, necessariamente, uma educação erudita. E nesse ponto, a Leitura Popular da Bíblia é beneficiada, pois o conhecimento bíblico pode muito bem ser propagado por meio das palavras, tal qual acontecia na época em que o povo de Israel vivia organizado em tribos, quando as histórias acerca da manifestação de Deus eram contadas de geração em geração.

Quanto aos movimentos populares, temos nesse aspecto o meio pelo qual a realidade pode ser transformada. Tal transformação pode ocorrer em vários âmbitos da vida (social, econômico, religioso) e em várias instâncias (local, municipal, regional, etc.) e depende unicamente da consciência e da organização da população em torno das questões que lhes são urgentes e importantes, tendo geralmente como foco a superação de exclusões e a equalização de direitos.

Em relação à sabedoria popular, ela funciona como um substrato, um veículo que interliga a linguagem, a cultura e os movimentos populares, dando significado, sentido a toda vida do povo, e tal sabedoria, muitas vezes, está em oposição ao conhecimento acadêmico.

O último termo a se destacar é “leitura”, em relação ao qual Carvalho (2016, p. 45) levanta questões interessantes:

Leitura tem a ver somente com texto? Como ficam os que não sabem ler e os que não dominam suficientemente as normas gramaticais? Quem domina bem as regras gramaticais necessariamente faz uma boa leitura do mundo que o cerca? Podemos ler algo que não está escrito e nem pronunciado?

Essas perguntas nos levam a compreender que leitura, no contexto do método bíblico, tem uma amplitude muito maior do que se pode imaginar. Aqui percebemos que leitura tem a ver com o que está além do texto bíblico, do contrário, não poderia ser praticado por pessoas sem alfabetização. Segundo Carvalho (2016,

p. 46), “[...] o que está em jogo não é a leitura fluente do texto bíblico sem mais nem menos, nem a visão de mundo do facilitador¹² libertador, mas sim, o diálogo entre as visões de mundo do facilitador e dos oprimidos”.

Associado ao termo “leitura” está o termo “palavra”, do qual queremos destacar um aspecto de grande força dentro do método que estamos estudando. A palavra que o texto bíblico traz não é uma mera representação de um conceito, mas o que, em hebraico, denomina-se *dabar*, que quer dizer “palavra criadora de Deus”. Imediatamente, lembramos do texto bíblico de João, que diz: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1, 14). O método de Leitura Popular da Bíblia quer trazer à tona o *dabar* contido nos textos das Sagradas Escrituras, para trazer vida às pessoas que entram em contato com eles, da mesma forma como, no Antigo Testamento, sustentou o povo de Israel perante as dificuldades e lhes deu esperança, e que, no Novo Testamento, veio realizar-se plenamente na história humana, através da encarnação do Deus Filho em Jesus de Nazaré.

Na sequência a essa tentativa de definição do método, a partir dos termos que o denominam, apresentamos os elementos que dão estrutura à Leitura Popular da Bíblia.

3.3 CARACTERÍSTICAS

Seguindo o esquema elaborado por Carlos Mesters e sua equipe (PEREIRA; MESTERS, 2011), para falar do que ele denomina método de interpretação popular da Bíblia, e que neste trabalho identificamos como Leitura Popular, apresentaremos com mais profundidade sua estrutura, seus elementos constitutivos e sua dinâmica. Nesse esquema, que pretende ser uma visão global do método, encontramos sete partes (ou unidades), conforme segue:

- a) Um objetivo;
- b) Dois movimentos;
- c) Três ângulos;
- d) Quatro contextos;
- e) Cinco mandamentos;

¹² Segundo Soave (2016, p. 15), a facilitação, dentro do contexto da Leitura Popular da Bíblia, “[...] é um processo de ativação e guia que cria e suporta um espaço para a participação e o compromisso com um objetivo específico”. Tal processo resulta na democratização da Palavra de Deus contida na Bíblia.

- f) Seis perigos;
- g) Sete passos.

Conforme apresentaremos adiante, as unidades abrangem o que deve ser levado em consideração no desenvolvimento dessa forma de interpretação, permitindo caminhar com segurança na leitura bíblica, sem deixar que seja frutuosa e transformadora.

3.3.1 O objetivo do método

O objetivo, segundo os autores do esquema, “[...] é um só e não pode ser outro: revelar Deus presente hoje na caminhada e na luta do povo. Este objetivo deve nortear tudo. Todo o resto é *relativo*, isto é, *diz relação* a este objetivo” (PEREIRA; MESTERS, 2011, p. 18, grifo do autor).

Por isso, em relação ao objetivo, caberia a pergunta: Que Deus a Leitura Popular quer revelar? Além de um Deus presente, que acompanha a caminhada do seu povo, a Leitura Popular da Bíblia quer mostrar “[...] o Deus vivo, verdadeiro, libertador, que está ao lado dos pobres e luta com eles (tanto ontem como hoje) [...]” e que “[...] fala misturado nas coisas” (PEREIRA; MESTERS, 2011, p. 19).

Disso percebemos que o foco do método é Deus, e que a Bíblia é uma das formas pelas quais podemos chegar à sua revelação.

3.3.2 Os dois movimentos

A Leitura Popular da Bíblia é um método dinâmico, realizado em dois movimentos considerados fundamentais para ligar Bíblia e vida: da situação de hoje para o texto da Bíblia (de ontem), e da Bíblia para a situação de hoje. Para Pereira e Mesters (2011, p. 19), “estes dois movimentos (de hoje para ontem; de ontem para hoje) atravessam a interpretação de ponta a ponta. São dois movimentos necessários, em tensão um com o outro, que devem estar presentes sempre”.

O primeiro movimento (de hoje para Bíblia), essencialmente um movimento exegético, tem por objetivo desvelar o sentido do texto bíblico em si, atendo-se não somente ao que está escrito, mas também ao que estava por trás das palavras quando elas foram escritas. Por isso, os autores colocam a Bíblia no ontem: significando que se deve situar o texto no seu contexto originário.

O segundo movimento (da Bíblia para hoje), por sua vez, tem um caráter hermenêutico, ou seja, “[...] traz o texto antigo para o *nosso hoje* e revela o que Deus nos tem a dizer a nós por meio daquele texto antigo” (PEREIRA; MESTERS, 2011, p. 20, grifo do autor). Nesse movimento, o texto bíblico revela seu sentido para o leitor, que já está em um contexto bem diferente do contexto bíblico originário, mas, mesmo assim, quem o lê percebe que, o que está escrito, o foi para ele.

Essa tese tem seu fundamento quando verificamos os problemas que decorrem de uma interpretação da Bíblia que considera apenas um dos dois movimentos. Quando o enfoque é no primeiro movimento, Mesters (2007, p. 22) nos alerta dizendo que “uma iniciação à leitura da Bíblia pode falhar quando, mesmo partindo de uma visão ortodoxa da mesma, não levar em conta as exigências subjetivas do nosso povo a quem é dado o conselho de ler a Bíblia”. Já quando o enfoque está no segundo movimento, o risco é de usar a Bíblia para justificar ou fundamentar opiniões particulares e ideologias. Nesse aspecto, Mesters (2007) também nos chama a atenção:

Não podemos reduzir a Bíblia ao nosso tamanho. Ela contém a Palavra de Deus e, por isso mesmo, tem as exigências que não dependem de nós e que devem ser respeitadas, para que a Bíblia possa ser realmente *Bíblia* para nós (MESTERS, 2007, p. 22, grifo do autor).

Desta forma, fica claro que é preciso uma grande dose de humildade para reconhecer a grandeza das Sagradas Escrituras, além do cuidado necessário para não subordiná-la a interesses próprios.

3.3.3 Os três ângulos

Constitutivamente, o método de Leitura Popular da Bíblia está baseado num triângulo hermenêutico, que abrange os seguintes aspectos: conhecer a Bíblia, formar comunidade e servir ao povo (MESTERS, 1992). Este triângulo é derivado do método “ver-julgar-agir”, amplamente utilizado, em meados do século XX, pelos grupos da Ação Católica Brasileira¹³.

13 Ação Católica foi um movimento amplo dentro da Igreja Católica, nos anos 40 a 60, constituído de organismos setorializados, como Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC) (SOUZA, 2006).

Aprofundando o primeiro aspecto, de conhecer a Bíblia, este faz referência ao conhecimento do texto bíblico e de questões relacionadas a ele (gênero literário, aspectos históricos, sociais, geográficos, etc.). Nesse âmbito, podemos dizer que a maioria dos métodos de leitura da Bíblia assemelham-se, pois é um ponto essencial.

Apenas para reforçar o que já vimos anteriormente, tal aspecto foi motivado pelo crescente desenvolvimento na pesquisa bíblica, iniciado no fim do século XVIII na Alemanha e na França. A renovação da exegese¹⁴, que alimentou esse crescimento, foi, portanto, um dos fatores que levaram ao desenvolvimento da Leitura Popular da Bíblia (MESTERS, 1992). Outro fator, ligado ao desenvolvimento da pesquisa bíblica, é a visão dada pelo Concílio Vaticano II sobre a Palavra de Deus, de que ela é atual e de que Deus fala ao seu povo ainda hoje, conforme nos aponta Mesters (1992, p. 6):

Ao longo destes anos, de dentro deste interesse renovado pela Bíblia, surge aos poucos [...] a convicção de que Deus não falou só no passado, mas continua falando hoje. [...] É no Concílio Vaticano II que esta primeira etapa alcança seu objetivo e atinge o seu limite, e que a própria Palavra de Deus pede que se dê um novo passo para além do mero conhecimento.

Derivado do aspecto de conhecer a Bíblia, formar comunidade é o passo seguinte na jornada de descoberta da Sagrada Escritura, mostrando-se a maneira mais salutar de ler e interpretar a Palavra de Deus para os dias de hoje. A Exortação Apostólica *Verbum Domini* reforça essa necessidade de estar em comunidade para apreender o que Deus nos diz através da sua Palavra:

São Jerônimo recorda que, sozinhos, nunca poderemos ler a Escritura. Encontramos demasiadas portas fechadas e caímos facilmente em erro. A Bíblia foi escrita pelo Povo de Deus e para o Povo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Somente com o «nós», isto é, nesta comunhão com o Povo de Deus, podemos realmente entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer dizer (VD 30).

A partir do acesso que se teve à Bíblia, após o Concílio Vaticano II, as pessoas começaram a reunir-se para discutir sobre as Sagradas Escrituras e a sua fé. Mesters cita alguns fatos que fomentaram o surgimento dessas comunidades:

¹⁴ Exegese é a “ação de tirar; que se ocupa do texto em-si; ação de explicar; de interpretar;” (MAIA, 2005, p. 449). Consiste em retirar do texto bíblico a sua mensagem, considerando o contexto em que foi escrito.

1. Semanas bíblicas populares, [...].
2. A divulgação da Bíblia em língua vernácula [...].
3. A escassez de clero [...] valorização da Palavra e da Celebração da Palavra.
4. A renovação litúrgica [...].
5. O crescimento enorme dos grupos pentecostais [...].
6. [...] surgiu no meio católico a formação de catequistas [...] em torno de uma catequese baseada na Bíblia (MESTERS, 1992, p. 7).

O aspecto de servir ao povo é a última etapa para se chegar à interpretação popular da Bíblia. É quando a Palavra de Deus, lida e interpretada à luz da realidade, vai gerar frutos consistentes, concretizando o agir de Deus na atualidade:

A Palavra de Deus fez surgir as Comunidades, animando-as por dentro. As Comunidades, por sua vez, percebem que, se quiserem ser fiéis à Palavra, devem sair de si mesmas e ir em direção ao povo, sobretudo, aos pobres, para escutar o seu clamor. [...] E é aqui no serviço ao povo, como veremos, que começa a aparecer a diferença e a novidade da interpretação popular (MESTERS, 1992, p. 8).

Conforme visto até então, ao fazer referência aos aspectos da Leitura Popular da Bíblia, percebe-se que é necessário estar reunido em grupo, em comunidade. Ademais, os grupos bíblicos constituem uma das formas privilegiadas de as pessoas se reunirem em torno das Sagradas Escrituras.

3.3.4 Os quatro contextos

Nomeadamente, os quatro contextos são: o contexto literário, o contexto histórico, o contexto da redação e o contexto do Espírito. Os três primeiros contextos, conforme Pereira e Mesters (2011, p. 21), “[...] ajudam a descobrir o sentido-em-si, ajudam a fazer o movimento de hoje para a Bíblia”. O último contexto, permite fazer o movimento da Bíblia para o hoje.

Os três primeiros contextos, que tem por objetivo trazer à tona o sentido do texto em si, dependem amplamente dos atuais métodos científicos de exegese bíblica¹⁵, como por exemplo, o método de leitura sociológica, o método histórico-crítico, o método da história das formas, entre outros. Tais contextos não são o campo de estudo principal da Leitura Popular da Bíblia, mas são o ponto de partida

¹⁵ Vimos brevemente alguns dos principais métodos de leitura no item 2.2 deste trabalho (os métodos de leitura da Bíblia).

para se atingir o objetivo da interpretação popular.

O quarto contexto, que, segundo Pereira e Mesters (2011, p. 21), “deve estar presente desde o começo”, é o que traz as perguntas para as quais se desejam respostas, com a ajuda da Bíblia. Os caminhos a percorrer nos contextos anteriores são definidos a partir do quarto contexto, chamado de contexto do Espírito porque é nele que efetivamente a Bíblia se revela como Palavra de Deus, eficaz e transformadora, através da ação do Espírito Santo.

3.3.5 Os cinco mandamentos

Dizem respeito à atitude daquele que deseja ler a Bíblia de acordo com a proposta da Leitura Popular: “tentam definir qual deve ser a atitude mais correta daquele que quer interpretar a Bíblia e usá-la junto ao povo das comunidades cristãs populares” (PEREIRA; MESTERS, 2011, p. 22). São eles: ler, escutar, servir, ser fiel e trabalhar em equipe.

O mandamento de ler quer ressaltar a necessidade de se conhecer a Bíblia, seus textos e personagens, de uma maneira cada vez mais profunda, e não somente para auxiliar o povo na interpretação da Bíblia, mas também para um aproveitamento pessoal.

O mandamento de escutar diz respeito a estar atento ao princípio que orienta a leitura bíblica. Ou, nas palavras de Pereira e Mesters (2011, p. 23): “Escutar supõe uma leitura a partir de outro lugar social, a partir do pobre, a partir da luta dele. Escutar supõe fazer silêncio às nossas ideias, relativizar a nossa ideologia dominante”.

Servir é o mandamento que chama a atenção para o uso da exegese científica, a qual deve estar a serviço daqueles que desejam se aproximar da Bíblia, e dela extrair o sentido para seus dramas e lutas. Por isso, todos que detêm a ciência acerca dos textos bíblicos devem prevenir-se de usar os métodos científicos por eles mesmos:

A tentação da ciência é tão forte quanto a tentação do poder e a tentação da riqueza. Convém resistir, sem desprezar a ciência, nem o poder nem o dinheiro, mas reduzir tudo ao seu tamanho real que é o serviço. E o tamanho do serviço, não se mede pelo tamanho da ciência do professor, mas pelo tamanho da necessidade do povo (PEREIRA; MESTERS, 2011, p. 23).

O mandamento de ser fiel traduz uma preocupação central no método de Leitura Popular da Bíblia: o desejo de fidelidade, seja ao texto bíblico, seja à realidade que se quer iluminar com a Bíblia, seja ao objetivo principal do método, de revelar Deus presente na Bíblia e na vida. Este mandamento quer despertar o senso crítico em relação ao modo como se realiza a interpretação da Bíblia, para que não seja carregada de posições particulares:

Não ouvir as exigências da realidade e atender somente ao que os livros dos estudiosos dizem sobre a revelação seria correr o risco de ser infiel à própria revelação e de apresentar como expressão da vontade de Deus aquilo que, na realidade, não passa de uma invenção da nossa mente (MESTERS, 2007, p. 23).

O último mandamento, trabalhar em equipe, destaca o lado comunitário da Leitura Popular da Bíblia. Conforme Pereira e Mesters (2011, p. 23) apontam, “[...] é uma exigência da própria Bíblia, que é livro nascido da comunidade para a comunidade”. Este mandamento, de acordo com Wegner (2002), ajuda a superar muitos problemas no campo da interpretação bíblica, como a leitura subjetiva, já que as muitas contribuições da equipe acerca do entendimento de um texto bíblico permitem superar as compreensões limitadas de cada pessoa.

3.3.6 Os seis perigos

A tarefa de interpretar a Bíblia, em cuja gênese traz um processo extremamente completo e de longa duração, traz em si uma série de perigos que podem nos desviar do objetivo principal, de atualizar a Palavra de Deus para os dias de hoje. Na visão de Pereira e Mesters (2011), são seis os perigos com os quais a Leitura Popular da Bíblia precisa lidar:

- a) Prisão da letra: consiste em “crer” no texto conforme ele se apresenta, sem considerar seu contexto originário e o contexto atual. É o perigo do fundamentalismo, que “sacraliza” a letra. Conforme Pereira e Mesters (2011, p. 24), “o fundamentalismo, de maneira sutil, está presente quando se identifica texto com fato, [...] sem analisar a situação do povo por ele descrita [...]”;
- b) Dependência de quem sabe: é o perigo de se depender de pessoas que

se consideram mais esclarecidas acerca da Bíblia, desprezando a capacidade que cada um tem de fazer sua interpretação e, em conjunto com as demais pessoas do grupo, construir uma compreensão mais fiel ao que o texto bíblico quer dizer;

- c) Ideologia dominante: aqui o risco é contaminar a interpretação bíblica com a mentalidade dominante da sociedade onde se está inserido, que, por sua vez, promove a exclusão e opressão daqueles que não querem ou não conseguem se encaixar em tal mentalidade. Conforme Wegner (2002, p. 14), “[...] sem a libertação do cativeiro da nossa mente e sem uma reflexão sobre os textos a partir das pessoas e grupos inferiorizados, a leitura bíblica será sempre ingênua e facilmente manipulável”;
- d) Leitura sem fé: tratar o texto bíblico como um mero conteúdo a ser analisado, estudado, sem compreender sua real finalidade, que é motivar e orientar o povo de Deus. É ainda abordar o texto da Bíblia sem um vínculo efetivo com uma comunidade. A leitura da Bíblia deve ser feita com a convicção de que é Deus que está falando através daquelas palavras, e que, por meio delas, a comunidade onde se está inserido é transformada;
- e) Leitura sem respeito pelo povo: é abordar o texto bíblico sem levar em consideração o público destinatário da leitura, conduzindo o processo de interpretação de uma forma excessivamente intelectualizada e de difícil compreensão;
- f) Leitura ingênua: ler a Bíblia desconectada da realidade, dando ênfase ao caráter místico do texto sagrado, sem perceber que nas suas entrelinhas está a vida de comunidades de fé, que sofreram e lutaram, e que nisso perceberam a presença de Deus.

3.3.7 Os sete passos

Os sete passos refletem a dinâmica por trás de um grupo que trabalha com o método de Leitura Popular da Bíblia. Para Pereira e Mesters (2011, p. 25), por meio desses passos “pretende-se indicar o rumo ou o roteiro de como, concretamente, organizar o estudo [...]”.

O primeiro passo inicia com uma reflexão sobre a situação atual: Quais

problemas afligem as pessoas hoje?

O segundo passo se volta para a Bíblia, onde será feita a leitura e aprofundamento do texto em si, identificando personagens, locais e situações.

O terceiro passo é perceber o momento ao qual o texto se refere e o momento em que o texto foi escrito, tendo em mente que, geralmente, um texto bíblico só aparece algum tempo depois do fato relatado ter ocorrido.

O quarto passo deve verificar o contexto no qual o fato acontece (político, econômico, social e religioso), pois é a partir dessa verificação que se identificam os conflitos presentes naquela época.

O quinto passo consiste em descobrir como o povo daquela época encarou o conflito vivido, a partir da sua fé. Segundo Pereira e Mesters (2011, p. 26): “Aqui atingimos o coração do processo de interpretação. [...] onde se atinge o ponto final do movimento ‘de hoje para a Bíblia’ e onde está o ponto inicial do movimento ‘da Bíblia para hoje’ [...]”.

O sexto passo é perceber como o apelo do texto, a sua mensagem central, foi transmitida, reproduzida na época em que foi finalizado.

O sétimo passo, por fim, deve nos levar a descobrir o que o texto lido nos diz hoje.

3.4 O DINAMISMO DO MÉTODO

Apesar da descrição abrangente que fizemos aqui, destacando as características estruturais da Leitura Popular da Bíblia, deve-se compreender que o método não é algo rígido, no qual não se pode fazer adaptações ou modificações. Desde sua concepção, vem sendo constantemente avaliado e revisado, principalmente em relação aos grupos e ambientes onde é aplicado.

O CEBI tem um papel fundamental nesse processo de revisão, através de suas assembleias nacionais, onde promove um trabalho de reflexão crítica acerca da forma como a Leitura Popular da Bíblia pode se adequar aos diversos grupos e setores que se encontram na sociedade, e que necessitam de apoio para suas lutas. Um desses momentos de reflexão ocorreu em novembro de 2005, em Belo Horizonte, na 17^a Assembleia Nacional do CEBI, onde se registrou a percepção da evolução ocorrida no contexto social brasileiro desde o surgimento do método e do CEBI:

Quando o CEBI começou, no final dos anos 70 e início dos anos 80, havia um grande número de movimentos sociais populares articulados na oposição ao regime militar [...]. Com a queda do regime militar e a posterior organização da democracia brasileira com a Constituição de 1988, esse quadro, evidentemente, mudou muito (MESTERS; OROFINO, 2006, p. 13).

Em função dessas mudanças, surgem novos sujeitos históricos, que necessitam se situar no contexto onde se encontram, e o caráter inclusivo do método de Leitura Popular da Bíblia permite, por exemplo, que a Sagrada Escritura seja motor para a vida de pessoas situadas em vários desses grupos como, por exemplo, os povos originários (índios e negros), as mulheres, as pessoas com deficiência, os grupos LGBT e tantos outros.

Conforme nos dizem Mesters e Orofino (2006, p. 11), “o objetivo principal da leitura não é conhecer e interpretar a Bíblia, mas, sim, interpretar a vida com a ajuda da Bíblia”. Logo, é imprescindível que, assim como a vida, o método seja dinâmico e aberto às novidades que a própria vida traz.

Até aqui, vimos como se estrutura o método de Leitura Popular da Bíblia, cujos fundamentos exigem um espaço comunitário para sua aplicação. No capítulo seguinte, verificaremos de que maneira todo esse cabedal conceitual se encontra realizado na prática.

4 OS ESPAÇOS DE APLICAÇÃO

Passaremos, agora, à revisão e avaliação dos espaços de aplicação do método de Leitura Popular da Bíblia, procurando perceber como tal método foi e ainda é praticado nas mais diversas instâncias pastorais dentro da Igreja Católica, especificamente no contexto do estado de Santa Catarina.

Os grupos bíblicos, também chamados de círculos bíblicos ou grupos de reflexão, são os espaços de aplicação por excelência do método de Leitura Popular da Bíblia. Eles são derivados das CEBs que, em sua dinâmica, trazem uma forte fundamentação bíblica (SILVA, 2006). Desta forma, podemos creditar a difusão dos grupos bíblicos pelo país à expansão das CEBs, em conjunto com outros movimentos e organizações de promoção da leitura bíblica, como a Liga dos Estudos Bíblicos (LEB), o Movimento da Boa Nova (MOBON) e o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) (MESTERS; OROFINO, 2005). Cabe destacar também o aspecto comunitário que os grupos bíblicos possuem, em concordância com um dos ângulos do método de Leitura Popular da Bíblia – criar comunidades.

Notadamente, os grupos bíblicos constituem-se uma grande contribuição para a evangelização na Igreja do Brasil. O papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, citando as proposições feitas pelos padres sinodais, indica que:

[...] é bom que, na atividade pastoral, se favoreça também a difusão de *pequenas comunidades*, “formadas por famílias ou radicadas nas paróquias ou ainda ligadas aos diversos movimentos eclesiais e novas comunidades”, nas quais se promova a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja (VD 73, grifo do autor).

Essas pequenas comunidades, citadas pelo papa Bento XVI, são materializadas primordialmente nos grupos bíblicos e nas CEBs. Por isso, em relação à urgência pastoral “Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral”, apontada nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, os bispos da CNBB percebem “quanta riqueza evangelizadora acontece nos Grupos Bíblicos, nos Grupos de Reflexão, nos Grupos de Quadra e outros similares” (CNBB, 2015, p. 47). Por conseguinte, tais grupos constituem-se como uma das formas de realização das perspectivas de ação planejadas nas referidas diretrizes.

As motivações que levam ao surgimento de um grupo bíblico, certamente, estão relacionadas ao desejo de se aproximar da Palavra de Deus contida na Bíblia,

crecendo no seu conhecimento e experimentando seus efeitos na vida. Conforme nos aponta a CNBB, em muitos casos, “círculos bíblicos podem nascer a partir do desejo de se aprofundar o que se ouviu e experimentou na assembleia litúrgica” (CNBB, 2003, p. 70), indicando que a Sagrada Escritura proclamada na liturgia dominical pode ser o princípio para se buscar a criação ou a adesão a um grupo bíblico.

Apesar das suas particularidades, os grupos bíblicos possuem algumas características comuns, percebidas em virtude da análise realizada para a elaboração deste capítulo, tais como:

- a) São grupos formados, na sua maioria, por pessoas leigas, lideradas ou orientadas por um leigo(a), religioso(a) ou clérigo, com formação adequada para mediar os encontros;
- b) Utilizam-se de material preparado previamente, seguindo um roteiro que possui alguma fundamentação teórica (litúrgica, teológica, bíblico-catequética);
- c) Reúnem-se periodicamente, em grande maioria, semanalmente, mas comportando também encontros quinzenais ou mensais;
- d) Seguem um ou mais métodos de leitura e estudo da Bíblia.

Atualmente, há diversos grupos bíblicos implantados nas várias dioceses do Brasil, e a grande maioria deles recebeu e ainda recebe influência e contribuição das CEBs locais. Neste trabalho, com o objetivo de trazer exemplos concretos de aplicação dos métodos de leitura da Bíblia, descreveremos três modelos:

- a) Os círculos bíblicos, promovidos pelo CEBI;
- b) Os Grupos Bíblicos em Família (GBF), desenvolvidos na Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina;
- c) Os Grupos Bíblicos de Reflexão (GBR), da Diocese de Joinville, Santa Catarina.

Em cada um dos modelos descritos, apontaremos as características que se aproximam do método de Leitura Popular da Bíblia, bem como os pontos que podem ser enriquecidos com o referido método.

4.1 CÍRCULOS BÍBLICOS DO CEBI

Podemos considerar os círculos bíblicos promovidos pelo CEBI como o modelo referencial de aplicação do método de Leitura Popular da Bíblia, dado que é objetivo da organização fomentar tal método.

Os círculos bíblicos são organizados pelas instâncias locais do CEBI, não tendo, necessariamente, uma subordinação direta à Igreja Católica, o que é devido, entre outros fatores, ao caráter ecumênico da organização, bastante evidenciado tanto na estruturação dos círculos bíblicos quanto no material de apoio que é produzido pelo CEBI. A participação de integrantes de Igrejas como a luterana, metodista, entre outras, é bem perceptível.

Como definição, tomemos o que Viana (2016, p. 53) nos propõe:

Círculo Bíblico é o encontro de um pequeno grupo de pessoas que se reúne semanal, quinzenal ou mensalmente para refletir sobre fatos da Vida, como problemas, conflitos ou conquistas, para depois buscar luzes na Bíblia, a fim de melhor compreender os acontecimentos partilhados, tendo em vista um agir transformador.

Quanto ao conteúdo a ser abordado, essa autora comenta que:

Sobre as leituras a serem utilizadas em um Círculo Bíblico, tanto pode ser uma narrativa bíblica que ilumine o fato da Vida partilhado no grupo, ou a atual realidade da Comunidade, quanto um estudo continuado de um determinado livro da Bíblia, escolhido pelo próprio grupo ou indicado por outras pessoas (VIANA, 2016, p. 53).

Essa tarefa de indicar conteúdos para os círculos bíblicos, o CEBI a realiza de diversas formas. Uma delas é através da série “A Palavra na Vida” (PNV). Há, ainda, publicações realizadas em momentos especiais, como o texto produzido em função da V CELAM, propondo a realização de círculos bíblicos em preparação ao evento (CAVALCANTI, 2007).

Tomando por base as publicações referentes a círculos bíblicos, realizadas através da série “A Palavra na Vida”¹⁶, percebemos que um encontro segue, em linhas gerais, a seguinte estrutura:

- a) Acolhida: cujo objetivo é criar um bom ambiente e dar as boas-vindas aos participantes;
- b) Ver: momento em que se observa a situação atual, destacando questões que estejam urgindo e necessitando de reflexão;
- c) Julgar: momento de ir à Bíblia, buscando textos relacionados aos temas levantados e elaborando perguntas que permitam ligar o texto à vida;

¹⁶ As publicações da referida série, utilizadas neste trabalho, foram as seguintes: PNV 313, PNV 317, PNV 325, PNV 335 e PNV 339.

- d) Agir e Celebrar: momento de elaborar compromissos que ajudem a modificar a situação problemática levantada no momento do “ver”. Também é momento de rezar a Deus, pedindo sua ajuda e agradecendo por Sua presença no meio do povo.

Além disso, os textos destinados aos círculos bíblicos trazem informações complementares sobre o texto bíblico a ser lido e estudado, como por exemplo, situação histórica, política e social na qual o texto foi escrito, características literárias presentes, bem como outros dados relevantes que auxiliem na reflexão.

Embora as publicações da série tragam temas definidos, outros temas podem ser utilizados, conforme a percepção do grupo. O que se mostra relevante e imprescindível ao círculo bíblico que deseja se manter fiel a Leitura Popular da Bíblia é a utilização da estrutura fundamentada no esquema “ver-julgar-agir-celebrar”.

4.2 GRUPOS BÍBLICOS EM FAMÍLIA

Os Grupos Bíblicos em Família (GBFs), conforme definição da Arquidiocese de Florianópolis (2009, p. 63):

São grupos que se encontram “em família” (em clima familiar) para rezar (oração), refletir a realidade à luz da Palavra de Deus (reflexão) e comprometer-se com a vida em todas as dimensões (ação), visando a transformar as pessoas, as comunidades e a sociedade.

Os grupos de reflexão são uma prática de longa data na Arquidiocese de Florianópolis, e surgiram ainda nos anos 60, em resposta às motivações do Concílio Vaticano II e fomentados pela organização das CEBs. Experimentou um certo esfriamento por volta dos anos 80, tendo retomado seu vigor com o projeto de evangelização da CNBB “Rumo ao Novo Milênio” (1996-2000), que colocava justamente as pequenas comunidades formadas em torno da paróquia como vetor para a nova evangelização sugerida pelo projeto (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2009). O nome atual – Grupos Bíblicos em Família – foi definido em 2005, na Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, “para enfatizar a centralidade da *Bíblia* e o *espírito de família* dos grupos” (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 63, grifos do autor).

Os GBFs são considerados uma prioridade pastoral na Arquidiocese por possibilitar, além da leitura da Bíblia, de forma reflexiva e orante,

[...] diversas ações evangelizadoras e pastorais da Igreja, como [...] a catequese com adultos, o aprofundamento da fé, o despertar de vocações e ministérios, a formação de lideranças, a prática concreta do amor, a solução de conflitos pessoais e grupais (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 64).

As ações e objetivos apontados têm forte relação com os frutos produzidos pela Leitura Popular da Bíblia, principalmente nos itens “aprofundamento da fé”, “formação de lideranças” e “prática concreta do amor”. Ao comentar sobre a importância dos Grupos Bíblicos em Família, a Arquidiocese de Florianópolis (2009) ressalta que tais grupos:

Evangelizam, encorajando os fieis (*sic*) a assumir os desafios do mundo atual, tais como o individualismo, a violência, a exclusão e outros. Buscam na prática da solidariedade, na promoção humana e no respeito mútuo a defesa da vida em todas as dimensões, dando continuidade ao projeto de Jesus que veio “para que todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10) (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 65).

Sendo assim, percebe-se que tais pontos demonstram que os GBFs almejam proporcionar o contato com a realidade e a transformação da sociedade, objetivos da Leitura Popular da Bíblia.

O método utilizado nos GBFs é semelhante ao utilizado nos círculos bíblicos do CEBI, baseando-se em quatro momentos – ver, julgar, agir e celebrar – que, na percepção da Arquidiocese de Florianópolis (2009), compreendem os seguintes elementos e atitudes:

- a) Ver: Olhar para a vida (fatos, problemas) das famílias e comunidades. Também é olhar a realidade da mesma forma como Jesus via a realidade do seu tempo;
- b) Julgar: Momento de iluminar a realidade de forma mais profunda, julgando-a a partir dos princípios evangélicos. Surgem as perguntas acerca daquela realidade;
- c) Agir: Consiste em assumir ações concretas visando interferir naquela realidade para modificá-la. Muitas vezes, pode significar uma mudança de comportamento ou de forma de pensar;

- d) Celebrar: Momento de oração, que pode ser de súplica, de louvor, de pedido de perdão. Celebra-se com símbolos, gestos, preces, de forma a expressar a fé e a devoção, sempre em conexão com os passos anteriores.

Quanto à organização dos encontros, a Arquidiocese de Florianópolis (2009) recomenda que aconteçam, de preferência, semanalmente, nas casas dos integrantes do GBF; que sejam preparados com antecedência pelos animadores; que haja uma boa acolhida por parte dos animadores e dos donos da casa que recebe o encontro; que haja espaço para cantos, para a leitura da Bíblia, para seu aprofundamento e conversa acerca do texto lido; que haja oração e compromisso.

Os conteúdos tratados nos encontros do GBF são sugeridos através de livretos publicados pela Arquidiocese de Florianópolis. São três livretos, que abrangem os seguintes períodos do ano litúrgico: “1) Advento e Natal; 2) Quaresma, Campanha da Fraternidade, Páscoa e Pentecostes; 3) Tempo Comum” (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 11). Conforme indicado nos textos introdutórios dos livretos “os encontros seguem nos passos da Leitura Orante, [...] que é a Palavra de Deus lida, meditada, rezada e contemplada [...]” (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 5).

Comparativamente, percebe-se que os GBFs se apoiam no tripé da Leitura Popular da Bíblia – conhecer a Bíblia, criar comunidade e servir ao povo –, e seguem a maioria dos passos previstos no referido método. O que diferencia um encontro do GBF de um círculo bíblico do CEBI, por exemplo, é a quantidade de detalhes em relação à condução do encontro. Enquanto o material publicado pelo CEBI é mais sucinto, dando mais espaço para a criatividade e espontaneidade do grupo, o material publicado pela Arquidiocese de Florianópolis é mais minucioso, indicando até mesmo os diálogos do(a) animador(a) e dos demais participantes que conduzem os momentos.

4.3 GRUPOS BÍBLICOS DE REFLEXÃO

Na Diocese de Joinville, há os Grupos Bíblicos de Reflexão (GBR), cujas origens remontam o ano de 1996, quando se realizou, em nível diocesano, a 1ª Semana Teológica, de 20 a 22 de agosto, cujo tema era o Documento 56 da CNBB – Rumo ao Novo Milênio: Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil. A partir daí, a

Diocese de Joinville assumiu as proposições do documento da CNBB e, na Assembleia Diocesana realizada em 23 de novembro do mesmo ano, estabeleceu o compromisso de promover os GBRs em toda a diocese (GUARINIRI, 2016).

Ao definir os GBRs, a Diocese de Joinville (2012) elenca os seguintes elementos: são grupos de vida humana, cristã e social; são grupos de encontro; são grupos de formação e crescimento; são grupos de entreaajuda; são grupos de recreação. Todos estes elementos, a princípio, parecem distantes da proposta da Leitura Popular da Bíblia, mas se levarmos em conta que o principal objetivo de tal método é revelar Deus que se faz presente na caminhada e na luta do povo, podemos admitir tais elementos dos GBRs como elementos da vida do povo, que quer perceber a presença de Deus no seu cotidiano, através da leitura da sua Palavra.

Assim como na Arquidiocese de Florianópolis, os GBRs são derivados das CEBs, e mantêm ainda um inter-relacionamento, que pode ser notado, por exemplo, no Plano Diocesano de Pastoral da Diocese de Joinville, ao citar as perspectivas de ação pastoral:

d) promover as CEBs e os Grupos Bíblicos de Reflexão como lugar privilegiado da vivência da Palavra de Deus, do compromisso social em nome do Evangelho, da expressão visível da evangélica opção preferencial pelos pobres, do incentivo de novos ministérios leigos e da educação da fé (cf. DAp 179) (DIOCESE DE JOINVILLE, 2011, p. 40).

Segundo a Diocese de Joinville, os GBRs podem ser o princípio de novas Comunidades Eclesiais de Base. Ao responder a questão sobre a relação entre Grupos Bíblicos de Reflexão e CEBs, coloca que:

Os Grupos Bíblicos de Reflexão são caminho para as Comunidades Eclesiais e para a Paróquia ser uma “rede de comunidades”. Quando três, cinco ou mais grupos se reúnem, formam um setor. Este setor ou conjunto de grupos é uma comunidade eclesial de base. Os grupos que são vizinhos numa rua, ou região, forma o setor, formam a CEB, isto é, a comunidade eclesial de base (DIOCESE DE JOINVILLE, 2012, p. 88).

Em relação à metodologia utilizada nos Grupos Bíblicos de Reflexão, adotou-se, desde 2012, conforme decidido na 37ª Assembleia Diocesana de Pastoral, um modelo inspirado nos passos da Leitura Orante (leitura, oração, meditação e contemplação) (CRISTOFOLINI, 2013). Além disso, as reflexões são produzidas a

partir dos textos bíblicos do ano litúrgico, com o objetivo de integrar também a liturgia na vida dos fiéis. Na prática, cada encontro utiliza os textos bíblicos que serão celebrados na liturgia do domingo seguinte.

Os encontros dos GBRs são realizados semanalmente, preferencialmente às terças-feiras. Nesse dia da semana, o GBR tem preferência sobre todas as outras atividades pastorais, conforme orientação do Bispo Diocesano Dom Irineu Roque Scherer, em carta pastoral emitida em 2014:

Tem sido interessante a escolha das terças-feiras para o encontro dos Grupos Bíblicos de Reflexão, usando os textos base preparados pela Diocese, que leva todos à oração, reflexão e ação, numa simples palavra a uma experiência de Deus, como tudo de nossa vida. Que não haja na Diocese outro evento que não seja encontro dos Grupos Bíblicos de Reflexão neste dia (SCHERER, 2014).

Conforme visto acima, os encontros são conduzidos a partir de textos elaborados pela própria Diocese de Joinville, com publicação semestral. Analisando o material¹⁷ produzido, verificamos que cada encontro está estruturado da seguinte forma:

- a) Preparação da casa: orientações para organização do ambiente que receberá o encontro;
- b) Recordação da vida: onde as pessoas trazem situações do cotidiano relacionadas ao tema;
- c) Leitura: do texto bíblico correspondente ao tempo litúrgico;
- d) Meditação: reflexão acerca do que o texto nos diz hoje;
- e) Oração: momento para rezar o texto e sobre o texto;
- f) Contemplação: para interiorizar a Palavra de Deus na vida;
- g) Compromisso: visando assumir um gesto concreto, decorrente da reflexão feita;
- h) Benção: finalizando o encontro, oração de despedida.

Ao final de cada encontro, tem-se ainda um texto complementar, denominado “Ajuda para o Animador”, com o intuito de fornecer informações complementares sobre o tema abordado pelo texto bíblico.

O encontro descrito pelo material de apoio é sucinto, fornecendo frases curtas de orientação e perguntas básicas para aplicação nos momentos previstos. Há

¹⁷ Para a referida análise, utilizamos a edição 40 do livro do GBR – Agosto/Dezembro 2016 (DIOCESE DE JOINVILLE, 2016).

também textos de Salmos para recitar em grupo e indicações de cantos, que se encontram como anexo, ao final do subsídio. Comparado ao material dos círculos bíblicos do CEBI, possui mais conteúdo, mas, em relação à quantidade de detalhes, é um pouco inferior ao material dos GBFs, da Arquidiocese de Florianópolis. Percebe-se que o esquema “ver-julgar-agir-celebrar” foi preterido na estruturação dos encontros, privilegiando, por sua vez, o esquema da Leitura Orante. Uma diferença marcante em relação aos círculos bíblicos do CEBI e os GBFs é a maior ligação com o tempo litúrgico.

De forma geral, o material da Diocese de Joinville tende a dar mais preferência ao caráter orante da leitura bíblica, devido à opção em acompanhar o calendário litúrgico da Igreja Católica do Brasil. Entretanto, isso não anula ou limita os efeitos práticos que se espera de uma leitura feita aos moldes do método de Leitura Popular da Bíblia. Os GBRs são promotores de uma série de iniciativas visando ao bem comum e a transformação de realidades em situação de pobreza e carência (GUARINIRI, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste rápido caminhar pela Leitura Popular da Bíblia, várias constatações podem ser feitas, a título de conclusão. Entretanto, o tema não se esgota com este breve trabalho, e, certamente, restam muitos outros caminhos a explorar, proporcionados pelo dinamismo inerente à leitura e interpretação das Sagradas Escrituras. Ressalta-se que tudo o que se seguiu nestas páginas tem o objetivo de sintetizar o que foi visto até aqui e, se possível, abrir janelas que permitam vislumbrar outras paisagens desse vasto campo do conhecimento.

Uma dessas constatações é que o método de Leitura Popular da Bíblia ainda é necessário e encontra muita área de aplicação. Isso se deve ao fato de que nem todas as pessoas ainda têm, ou poderão ter, algum dia, acesso ao conhecimento acadêmico acerca da leitura e interpretação bíblica. E os espaços onde a vida acontece e necessita ser iluminada pela Bíblia excede em muito o contexto dos estudos bíblicos de cunho científico.

Foi possível constatar também que a Leitura Popular da Bíblia ainda pode ser encontrada em sua forma “pura” ou original, devido ao esforço realizado pelo CEBI em promovê-la. Ao mesmo tempo em que procura atualizar o método aos contextos contemporâneos, mantém a fidelidade à proposta do frei Carlos Mesters e sua equipe, naquilo que constitui o cerne do método – o tripé “conhecer a Bíblia, formar comunidade, servir ao povo”.

Por outro lado, a Leitura Popular da Bíblia deixa seus traços em muitas outras iniciativas de leitura e estudo bíblico, já que foi possível constatar nos espaços analisados neste trabalho, a saber, os Grupos Bíblicos em Família, da Arquidiocese de Florianópolis, e os Grupos Bíblicos de Reflexão, da Diocese de Joinville, a presença de características típicas do método estudado.

Nessas iniciativas, verificamos também como a Leitura Popular da Bíblia complementa outros métodos de leitura e é complementada por eles, como, por exemplo, a leitura orante da Bíblia. Especificamente em relação a este último, encontrou-se formas de atender a uma orientação do Magistério da Igreja sem perder o apelo popular do método concebido por Mesters e sua equipe.

Aliás, esse apelo popular do método poderia ser encarado como uma fraqueza, um elemento que poderia torná-lo menos científico. Contudo, verificamos que o método busca apoio nas pesquisas bíblicas realizadas em meio acadêmico

para produzir uma leitura cada vez mais fiel ao sentido originário dos textos bíblicos. E seu maior mérito e força residem justamente na capacidade de converter o conhecimento acadêmico acerca dos textos bíblicos em uma linguagem acessível, compreensível às pessoas mais simples, permitindo que a Palavra de Deus, através da Bíblia, atue nos corações daqueles que se encontram com ela. Desta forma, o método de Leitura Popular da Bíblia apresenta-se como o auxílio necessário para comunidades que ainda não conseguiram integrar a Bíblia na vida.

Por fim, também cabe destacar a contribuição que tal método pode dar na promoção do diálogo ecumênico, já que fizeram e ainda fazem parte da construção e manutenção da Leitura Popular da Bíblia, mulheres e homens de outras igrejas cristãs, demonstrando que a leitura da Bíblia pode ser um fator de construção da unidade dos cristãos.

A revelação divina à humanidade deveria ser compreensível ao próprio ser humano. Por isso, na sua infinita misericórdia, Deus quis dispor da sua Palavra como Verbo encarnado e texto escrito, tornando-a passível de acolhimento pela sua criatura, tão limitada, mas também tão amada. O método de Leitura Popular da Bíblia tem um pouco dessa condescendência divina, tornando o incompreensível em inteligível, clarificando o que parecia ser mistério. Que a Bíblia não nos seja algo envolto em mistério, mas sinal de Deus que nos fala, que quer caminhar ao nosso lado e fazer parte da nossa vida. Amém!

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Igreja nas Casas**: Grupos Bíblicos em Família, orientação para animadores e animadoras. 3. ed. Florianópolis, 2009.

_____. **Misericordiosos como o Pai**: Grupos Bíblicos em Família / Comunidades Eclesiais de Base, Tempo Quaresma / Páscoa 2016. Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://arquifln.org.br/site/wp-content/uploads/2016/02/gbf_livreto_quaresma_2016.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

BARRADO, Pedro. **Perguntas fundamentais sobre a Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BARROS, Marcelo. O programa divino: Algumas anotações sobre a mística do reino de Deus na Bíblia e na caminhada latino-americana. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis, vol. 32, n. 127, jul-set. 2015. p. 341-355.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Verbum Domini**. 2010. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

BETTENCOURT, Estevão. A Igreja proibiu a leitura da Bíblia? **Pergunte e Responderemos**. n. 11, nov. 1958. Disponível em: <http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?num=2465&head=0>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/livro_betto_o_que_e_cebs.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, João Jairo Oliveira de. Leitura Popular da Bíblia. In: SOAVE, Maria et al. **Leitura Popular da Bíblia**: caminhos e orientações. São Leopoldo: CEBI, 2016. p.38-51. (A Palavra na Vida, n. 344).

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A Leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, ano XI, n. 25, jan-abr. 2007. p. 77-103.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2011.

CNBB. **Catequese Renovada**: orientações e conteúdo. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **Rumo ao Novo Milênio**: Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em Preparação ao Grande Jubileu do Ano 2000. Indaiatuba, 1996. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=119-56-rumo-ao-novo-milenio-projeto-de-evangelizacao-da-igreja-no-brasil&Itemid=251>. Acesso em: 22 out. 2016.

_____. **Crescer na leitura da Bíblia:** Estudos da CNBB 86. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil:** 2011-2015. Brasília: Edições CNBB, 2011.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil:** 2015-2019. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum.** 1965. Disponível em: <www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO 3. **A evangelização no presente e no futuro da América Latina:** conclusões da III Conferência geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CRISTOFOLINI, Ilda. **Nova Metodologia Para Os Encontros.** 2013. Disponível em: <http://diocesejoinville.com.br/diocese-noticias-lista.php?id_not=1697&id_catd=27#VzNS-hVJlpj>. Acesso em: 05 maio 2016.

DIOCESE DE JOINVILLE. **Plano Diocesano de Pastoral:** 2012-2016. Joinville, 2011.

_____. **Grupos Bíblicos de Reflexão.** Joinville, 2012.

_____. **Grupos Bíblicos de Reflexão:** Agosto/Dezembro 2016. Joinville, 2016.

FELIX, Isabel Aparecida. **Anseio por dançar diferente:** Leitura popular da Bíblia na ótica da hermenêutica feminista crítica de libertação. 2010. 281 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2208>. Acesso em: 14 set. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUARINIRI, Adriano S. **Textos sobre os grupos de reflexão.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <luciano.araujo@catolicasc.org.br> em 14 out. 2016.

LOPES, Eliseu. **Carlos Mesters 80 anos:** Biografia. Disponível em: <<http://mesters80anos.blogspot.com.br/p/biografia.html>>. Acesso em: 12 set. 2016.

LOPES, Mercedes. **Profecia em Defesa da Vida:** Círculos Bíblicos sobre o Livro de Miqueias. São Leopoldo: CEBI, 2016. (A Palavra na Vida, n. 339).

MAIA, Tânia Maria Couto. A Bíblia na América Latina após o Vaticano II. **Kairós:** Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza, ano II, jul-dez. 2005. p. 449-458.

MARIN, Darci Luiz. Bíblia é luz e força. **Vida Pastoral**. São Paulo, ano 33, n. 166, set-out. 1992. p. 2-6.

MESTERS, Carlos. Sobre a Interpretação Popular da Bíblia: História e Método. **Palavra Partilhada**. São Leopoldo, ano 11, n. 03, 1992. p. 5-19.

_____. **Por Trás das Palavras**: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes; OROFINO, Francisco. **A nova justiça do Reino de Deus**: Círculos Bíblicos sobre o Evangelho de Mateus. São Leopoldo: CEBI, 2014. (A Palavra na Vida, n. 313).

_____. **Permaneçei no meu amor**: Círculos bíblicos sobre o Evangelho de João. São Leopoldo: CEBI, 2015. (A Palavra na Vida, n. 325).

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Sobre a Leitura Popular da Bíblia no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticias.php?secaold=12¬iciald=132>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

_____. **O caminho por onde caminhamos**: Reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia. São Leopoldo: CEBI, 2006. (A Palavra na Vida, n. 222).

_____. **As Parábolas de Jesus**: Irradiar a Boa-Nova do Reino. São Leopoldo: CEBI, 2014. (A Palavra na Vida, n. 317).

_____. **O Profeta Miqueias**: A esperança é a última que morre. São Leopoldo: CEBI, 2015. (A Palavra na Vida, n. 335).

MOREIRA, Simone Costa. O que é leitura orante da Bíblia?. In: _____. (Org.). **No Caminho, a Vida – No Trajeto, a Missão**: Leitura Orante da Bíblia para Jovens. São Leopoldo: CEBI, 2013. p. 12-13. (A Palavra na Vida, n. 308).

PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. **A Leitura Popular da Bíblia**: à procura da moeda perdida. São Leopoldo: CEBI, 2011. (A Palavra na Vida, n. 73).

PIERINI, Franco. **A idade média**: curso de História da Igreja II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da bíblia na Igreja**. 1993. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em: 1 maio 2016.

RAMOS NETO, João Oliveira. **A renovação da tradição**: Uma análise histórica da Reforma Protestante do século XVI aos dias de hoje. São Leopoldo: CEBI, 2016. (A Palavra na Vida, n. 340).

RETAMALES, Santiago Silva. A Palavra de Deus na Conferência de Aparecida. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, ano XI, n. 27, set-dez. 2007. p. 342-371.

RICHARD, Pablo. Lectura Popular de La Biblia en America Latina. **RIBLA (Revista de Interpretacion Biblica Latinoamericana)**. San Jose, n.1, 1988. Disponível em: <<http://claiweb.org/images/ribblas/pdf/1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SCHERER, Irineu Roque. **Cartinha Pastoral ao Povo de Deus**. 2014. Disponível em: <http://diocesejoinville.com.br/noticias-lista.php?id_not=3612&tit=Cartinha%20Pastoral%20ao%20povo%20de%20Deus#.VzNSgxVJlph>. Acesso em: 05 maio 2016.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. O Impulso Bíblico no Concílio: A Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 36, n. 151, mar. 2006. p. 25-53.

SOAVE, Maria. A Facilitação no processo de Leitura Popular da Bíblia. In: SOAVE, Maria et al. **Leitura Popular da Bíblia: caminhos e orientações**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p.8-23. (A Palavra na Vida, n. 344).

SOUZA, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: Méritos e Limites. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 14, n. 55, abr-jun. 2006. p. 39-59.

VIANA, Múria Carrijo. Exemplos de roteiros para estudos bíblicos. In: SOAVE, Maria et al. **Leitura Popular da Bíblia: caminhos e orientações**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 52-60. (A Palavra na Vida, n. 344).

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Exemplo de círculo bíblico do CEBI

ANEXO B – Logomarca do GBF

ANEXO C – Oração do GBF

ANEXO D – Hino do GBF

ANEXO E – Exemplo de encontro do GBF

ANEXO F – Logomarca do GBR

ANEXO G – Oração do GBR

ANEXO H – Exemplo de encontro do GBR

ANEXO A – EXEMPLO DE CÍRCULO BÍBLICO DO CEBI

Figura 1 – Roteiro do círculo bíblico do CEBI, sobre Miqueias – 1ª parte

1º Círculo

“Ai dos que praticam a injustiça!”
Miqueias 2,1-13

Acolhida

1. Um canto inicial.
2. Criar um bom ambiente. Dar as boas vindas. Colocar as pessoas à vontade.
3. Invocar a luz do Espírito Santo.

1 VER

Junto ao profeta Miqueias, olhar para a situação do nosso país

Miqueias é firme em denunciar a corrupção e a maldade dos que, em vez de promoverem a justiça e a fraternidade, só promovem a injustiça e a desigualdade. Havia gente que passava as noites planejando o melhor jeito de como, no dia seguinte, roubar a terra dos outros (Mq 2,1-2). Eles exploravam o povo e “tiravam dele a liberdade que Deus lhes tinha dado para sempre” (Mq 2,9). “Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes ensinam por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro. E ainda pensam poder contar com o apoio de Deus: ‘Não está Javé em nosso meio? A desgraça não virá sobre nós!’” (Mq 3,11; cf. 2,7). Miqueias chama-os de gente ignorante que não conhece o direito (cf. Mq 3,1.9; 4,12).

 PNV 335

13

Figura 2 – Roteiro do círculo bíblico do CEBI, sobre Miqueias – 2ª parte

Ouvindo estas profecias de Miqueias, parece que a gente está ouvindo alguém que está falando do Brasil. O problema da corrupção e das propinas já é antigo. Será que o mundo tem jeito? Vamos conversar sobre isto: 1. Como é exercido o poder no nosso país, no seu estado, no seu município? E na paróquia e na comunidade? E na família? 2. Hoje, quais são os falsos profetas que aprovam e legitimam a desigualdade e as injustiças praticadas? 2 JULGAR Escutar o que Miqueias nos tem a dizer <i>1. Introdução à leitura do texto</i> Vamos ouvir um pequeno trecho do livro do profeta Miqueias. Durante a leitura, fizemos com esta pergunta na cabeça: <i>De todas as injustiças denunciadas por Miqueias, qual a pior? Por quê?</i> 2. Leitura do texto: Miqueias 2,1-13 3. Momento de silêncio. 4. Perguntas para a reflexão: 1. O que mais chamou a sua atenção neste texto de Miqueias? Por quê? 2. Quais as injustiças que transparecem neste texto de Miqueias? Qual delas é a pior? Por quê? 3. Quais as semelhanças e quais as diferenças entre o tempo de Miqueias e o tempo de hoje? 4. O que este texto ensina? E o que ensina para nós do século XXI, aqui no Brasil?	3 AGIR E CELEBRAR Rezar a Deus para agradecer e pedir ajuda Sugestões para a celebração: 1. Preces: <i>O que este texto nos faz dizer a Deus?</i> Colocar em forma de prece tudo aquilo que refletimos a partir do texto de Miqueias. Terminar esta parte com um Pai-nosso. 2. Rezar um salmo. Sugestão Salmo 82(81): <i>Livrai-nos, Senhor, dos que exploram os pobres. Ou Salmo 101(100):</i> <i>O salmo do administrador honesto.</i> Uma breve ajuda para a leitura do texto de Miqueias: 1. A divisão do texto de Miqueias 2,1-13: vv.1-2: As atitudes dos que praticam a injustiça no exercício do poder; vv. 3: Anúncio profético da desintegração que vem chegando; vv. 4-5: Descreve a desgraça que chegou; vv. 6-7: Denuncia a manipulação da Palavra de Deus pelos falsos profetas; vv. 8-11: Descreve as várias formas da exploração do povo; vv. 12-13: A esperança dos pobres: Deus nos conduzirá para a paz. 2. Breve comentário do texto de Miqueias 2,1-13: vv.1-2: <i>As atitudes dos que praticam a injustiça no exercício do poder</i> O texto fala por si e não necessita de comentário extra. v. 3: <i>Anúncio profético da desintegração que vem chegando</i> O texto diz que Deus vai criar uma desgraça contra o povo. Na realidade, não é Deus que provoca a desgraça. É o próprio povo que provoca a sua própria desgraça. Desobedecendo à lei de Deus e praticando as injustiças, o povo vai desintegrando a sua
---	---

Fonte: CEBI/Reprodução

Figura 3 – Roteiro do círculo bíblico do CEBI, sobre Miqueias – parte final

vv. 4-5:	<i>Descreve a desgraça que chegou</i> Os invasores tiraram a terra do povo, saquearam tudo e sortearam as terras das famílias para dar aos outros. Ninguém poderá recuperar suas terras. Estes "invasores" não vêm de fora, mas são o próprio rei e os seus ministros. Já dizia o profeta Samuel a respeito do rei: "Ele tomará os vossos campos, as vossas vinhas, as vossas melhores oliveiras, e os dará aos seus oficiais. Das vossas culturas e das vossas vinhas ele cobrará o dízimo, que destinará aos seus eunucos e aos seus oficiais. Os melhores dentre os vossos servos e as vossas servas, os vossos bois e os vossos jumentos, ele os tomará para o seu serviço. Exigirá o dízimo das vossas rebanhos, e vós mesmos vos tornareis seus escravos. Então, naquele dia, reclamareis contra o rei que vós mesmos inventastes escolhido, mas Yhwh não vos responderá, naquele dia." (1Sm 8,14-18). O rei, para pagar seus oficiais, tira as terras das famílias, acaba com a posse comunitária das terras e cria o latifúndio.
vv. 6-7:	<i>Denúncia a manipulação da Palavra de Deus pelos falsos profetas</i> As pessoas criticadas e denunciadas por Miqueias querem silenciar o profeta: "Não profetize estas coisas! A desgraça não vem sobre nós!" Eles apelam para a paciência de Deus e para as promessas. Mesmo transgredindo a lei de Deus, eles pensam poder contar com o apoio de Deus. Esses falsos profetas, em vez de denunciar as injustiças, anunciam a paz aos que lhes dão algo para comer, e a guerra, aos que não lhes põem nada na boca cf. Mq 3,5-6).
vv. 8-11:	<i>Descreve as várias formas da exploração do povo</i> Com todas as letras Miqueias enumera os males que os opressores praticam contra o povo: a quem não tem paleto, vocês
16	PNV 335
vv. 12-13:	<i>A esperança dos pobres: Deus nos conduzirá para a paz</i> Estes dois versículos são uma releitura das profecias de esperança do profeta Miqueias, feita durante o cativeiro, mais de cem anos depois. Eles exprimem a esperança que animava os pobres, apesar de todas as dificuldades do cativeiro. Os pobres confiavam que Deus, o bom pastor, vai conduzi-los de volta para a terra. Jesus retoma esta profecia de Miqueias quando diz: "Eu sou o Bom pastor!" (Jo 10,11).
3. Duas breves complementações	Uma nota esclarecedora da Bíblia de Jerusalém a respeito deste texto de Miqueias diz o seguinte: Os ouvintes do profeta protestam, em nome da aliança, contra suas ameaças (vv. 6-7). Miqueias responde (vv. 8-10) que esta aliança foi violada pela injustiça dos falsos devotos, que não querem ouvir de seus profetas senão promessas materiais (v. 11). No tempo de Miqueias, havia vozes que legitimavam o sistema e havia vozes que criticavam o sistema. Atualmente, alguns meios de comunicação só elogiam, defendem e protegem os ricos e os grandes que têm dinheiro. Outros meios de comunicação denunciavam as injustiças e ajudavam o povo a ter consciência mais crítica a respeito da situação em que se encontra o país. Para Miqueias, os que legitimam o sistema são os falsos profetas. Eles são como bêbados que só dizem asneiras (cf. Mq 2,11).
PNV 335	17

ANEXO B – LOGOMARCA DO GBF

Figura 4 – Logomarca dos Grupos Bíblicos em Família



Fonte: Arquidiocese de Florianópolis/Reprodução

ANEXO C – ORAÇÃO DO GBF

Figura 5 – Oração dos Grupos Bíblicos em Família

Arquidiocese de Florianópolis

Oração dos Grupos Bíblicos em Família

D. Murilo S. R. Krieger

Senhor Jesus, tu nos garantiste:

“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles” (Mt 18,20).

Por isso, acreditamos em tua presença, quando nos reunimos nos **Grupos Bíblicos em Família**.

Em nossos encontros, Senhor Jesus, somos iluminados por tua Palavra, fortalecidos pela oração comunitária e enriquecidos por tua graça.

Somos, também, confortados pela presença de irmãos e irmãs que, como nós, querem ser discípulos e missionários teus.

Porque queremos ser teus discípulos, ensina-nos a fazer a vontade do Pai; a estar atentos às necessidades dos que sofrem e a ser “alegres na esperança, fortes na tribulação e perseverantes na oração” (Rm 12,12).

Porque queremos ser teus missionários, dá-nos um coração generoso e entusiasta, um coração como o teu: incansável no anúncio de que *Deus é amor*.

Nossos encontros bíblicos nos preparem para o domingo, *Dia do Senhor*, quando somos convidados a nos reunir ao redor de teu Altar.

Ali te ofereces ao Pai por nós e nos alimentas com tua Palavra e com o Pão da vida; ali aprendemos que amar é assumir a cruz de cada dia.

Tua Mãe Maria, *Nossa Senhora do Desterro*, interceda por nossas famílias e nossos grupos, para que saibam imitar a Família de Nazaré.

Assim estaremos nos preparando para viver um dia com a Santíssima Trindade, numa alegria que não terá fim.

Amém.

16

Fonte: Arquidiocese de Florianópolis/Reprodução

ANEXO D – HINO DO GBF

Figura 6 – Hino dos Grupos Bíblicos em Família

14

Arquidiocese de Florianópolis

Hino dos Grupos Bíblicos em Família

Letra: B. Chaz Puck
Música: R. Ney Bualid

1. Igreja nas casas! Os grupos se encontram,
Em torno da Bíblia, Palavra de Deus.
Refletem, conversam, e rezam, e cantam,
Na prece entrelaçam a terra e os céus.

**Estr.: É fé e vida na partilha,
É Grupo Bíblico em Família.**

2. Igreja nas casas! Assim foi no início,
Aí se encontravam os grupos cristãos.
Por isso, o símbolo é hoje a casinha,
A mística é o grupo de irmãs e irmãos.

3. Igreja nas casas! Modelo é a Trindade,
Pessoas diversas constroem comunhão.
Partilham suas buscas, seus sonhos, problemas,
E tudo se torna fraterna oração.

4. Igreja nas casas! O centro é a Bíblia,
Resposta divina a humanas questões.
Assim, a oração, reflexão da Palavra,
Motiva e orienta corretas ações.

5. Igreja nas casas! São células vivas
Da comunidade em torno a Jesus.
Ninguém é cristão isolado, sozinho,
Amor verdadeiro à unidade conduz.

6. Igreja nas casas! A arquidiocese
Nos chama e convida a evangelizar.
Os grupos refletem o rosto da Igreja,
Que é graça presente em todo lugar.

15

Igreja nas Casas

Florianópolis, 30 de junho de 2007

ANEXO E – EXEMPLO DE ENCONTRO DO GBF

Figura 7 – Roteiro de um encontro do GBF – acolhida e oração

■ 1º Encontro



UM OLHAR DE MISERICÓRDIA

*“O Senhor encheu-se de compaixão”
(Lc 7,13).*

Ambiente: Bíblia, casinha, cinzas, vela, água e outros símbolos quaresmais...

Acolhida: Pelas pessoas da casa que recebem o grupo.

Motivação e oração

Animador(a): É muito bom nos encontrarmos para ler e refletir a Palavra de Deus! Estamos iniciando a Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa – festa da ressurreição de Jesus. Neste ano também somos agraciados com a celebração do Jubileu da Misericórdia. Aproximemo-nos do Senhor que nos olha com bondade e compaixão.

Leitor(a): A Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus.

Todos(as): “Vós, Senhor, sois um Deus que perdoa o pecado e prefere a misericórdia” (Mq 7,18).

L: O Papa Francisco nos convida a experimentar a misericórdia como um caminho que inicia com uma conversão pessoal.

A: Saudemos a Deus, cheio de misericórdia, com o sinal de nossa fé.

T: Em nome do Pai...

Canto: Conheço um coração tão manso, humilde e sereno, que louva ao Pai por revelar seu nome aos pequenos, que tem o dom de amar, que sabe perdoar, e deu a vida para nos salvar! /: **Jesus, manda teu Espírito, para transformar meu coração.:/**

A: Vamos lembrar alguns acontecimentos em que percebemos o quanto Deus é misericordioso, assim como situações em que nós mesmos agimos

_____ 13 _____

Fonte: Arquidiocese de Florianópolis/Reprodução

Figura 8 – Roteiro de um encontro do GBF – Salmo

com misericórdia com alguém da família, da comunidade...

(Momento para partilha)

A: O salmo 103 (102) bendiz a Deus por sua bondade e misericórdia. Rezemos alguns versículos.

T: Minha alma, bendize o Senhor, e tudo o que há em mim, o seu santo nome!

Lado A: Minha alma, bendize o Senhor, e não esqueças nenhum de seus benefícios.

Lado B: É ele quem perdoa todas as tuas culpas, que cura todas as tuas doenças;

Lado A: É ele quem salva tua vida do fosso e te coroa com sua bondade e sua misericórdia;

Lado B: É ele que pela vida afora te cumula de bens; tua juventude se renova como a da águia.

Lado A: O Senhor age com retidão, faz justiça a todos os oprimidos.

Lado B: O Senhor é misericordioso e compassivo, lento para a cólera e rico em bondade.

Lado A: Pois quanto é alto o céu sobre a terra tanto prevalece sua bondade para com os que o temem.

Lado B: Como um pai se compadece dos filhos, o Senhor se compadece dos que o temem.

Lado A: Pois ele sabe de que somos feitos: sabe que não somos mais que pó.

Lado B: Mas a bondade do Senhor desde sempre e para sempre é para os que o temem, e sua justiça para os filhos dos seus filhos.

T: Minha alma, bendize o Senhor, e tudo o que há em mim, o seu santo nome!



Canto: 1 - Venho anunciar-vos uma grande alegria: o ano da Misericórdia do Pai / aos pobres, aos que na prisão!

/: Misericordiosos como o Pai, misericordiosos como Jesus, misericordiosos como o Pai, nós viveremos como irmãos, e a terra em paz florescerá!

Figura 9 – Roteiro de um encontro do GBF – leitura e reflexão

A Palavra de Deus ilumina

A: O Evangelho que vamos ouvir nos apresenta Jesus que se comove diante da morte de um jovem, filho único de uma viúva. Ao ver o sofrimento daquela mãe, Jesus se enche de compaixão.

Canto de aclamação: /: Fala, Senhor, fala da vida, só tu tens palavras eternas, queremos ouvir.:/

Leitor(a) da Palavra: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, segundo Lucas 7,11 a 17.



(Um breve silêncio)

A: Vamos recordar o texto:

- Para onde Jesus se dirigia?
- Quem o acompanhava e o que encontraram?
- Qual o sentimento de Jesus ao ver o sofrimento daquela mãe e o que ele fez?
- Como reagiu a multidão?

(Momento para responder)

T: “Deus veio visitar seu povo” (Lc 7,16).

A: É interessante observar como acontece na prática a ação misericordiosa de Jesus. Ele se aproxima, vê a realidade de morte. Olha com benevolência e ternura. Jesus se comove pela tristeza da viúva e diz: “Não chores”. Toca o morto que recupera a vida.

T: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!” (Lc 7,14)



Canto: Dom da vida, ó Pai, celebramos, na alegria de irmãos a cantar, por teu Filho Jesus te louvamos, e queremos com força clamar:

/: Ó Senhor, nós queremos a vida, por Jesus que se faz nosso irmão, em seu povo, na fé reunido, na partilha do amor e do pão.:/

Figura 10 – Roteiro de um encontro do GBF – reflexão e oração

A: Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. Deus se manifesta lá onde o processo da misericórdia é efetivado. Jesus teve compaixão de uma viúva, alguém totalmente indefesa.

- Parece que às vezes perdemos a capacidade de chorar e nos tornamos insensíveis à dor alheia, aos pobres, aos doentes. Somos capazes de nos comover e agir com misericórdia frente às situações de dor, de injustiças, de violência, de abandono...? Como?
- Em nossas cidades, bairros e comunidades vemos jovens perdendo a vida. O que estamos fazendo diante dessa realidade?

(Vamos conversar)

T: Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia, que é fonte de alegria, serenidade e paz. “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

A: O que este texto bíblico nos faz dizer a Deus? Colocar em forma de prece tudo aquilo que refletimos sobre o gesto de Jesus diante da viúva de Naím e sobre a realidade de nossos dias.

(Momento para preces espontâneas)

A: Senhor Jesus Cristo, Vós que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste, e nos dissesstes que quem Vos vê, vê a Ele

T: mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.

L: O Vosso olhar amoroso libertou Zaqueu e Mateus da escravidão do dinheiro; a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura; fez Pedro chorar depois da traição, e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido.

T: Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si mesmo as palavras que dissesstes à mulher samaritana: Se tu conhecesses o dom de Deus!

L: Vós sois o rosto visível do Pai invisível, do Deus que manifesta sua onipotência sobretudo com o perdão e a misericórdia:

T: fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de Vós, seu Senhor, ressuscitado e na glória.

L: Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de fraqueza, para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro:

T: fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados, amados e perdoados por Deus.

Figura 11 – Roteiro de um encontro do GBF – compromisso e bênção

A: Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor, e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre mensagem, proclamar aos cativos e oprimidos a libertação e aos cegos restaurar a vista.

T: Nós vos pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia, a vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

Canto: /: Misericordiosos como o Pai, misericordiosos como Jesus, misericordiosos como o Pai, nós viveremos como irmãos, e a terra em paz florescerá!

Compromisso

A: Jesus retoma à fé bíblica no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (Mt 11, 25). Para o povo de Israel, algumas práticas eram muito importantes: hospitalidade e partilha de suas colheitas, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros.



- O que sentimos diante da realidade dos mais fragilizados: jovens, idosos, migrantes, refugiados?
- Como participantes dos Grupos Bíblicos em Família, o que podemos ou já estamos fazendo?

(Conversar e assumir um compromisso)

Bênção

(Estender as mãos sobre os participantes e rezar)



A: Deus, que é fiel e nunca abandona o seu povo, nos abençoe e nos guarde.

T: Amém.

A: Volte sobre nós seu olhar compassivo e nos mantenha firmes no cumprimento de sua vontade.

Figura 12 – Roteiro de um encontro do GBF – parte final

T: Amém.

A: Faça-nos construtores de um mundo solidário, animados na esperança, e nos dê a sua paz!

T: Amém.

A: A bênção de Deus, rico em misericórdia, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre cada um de nós e permaneça para sempre.

T: Amém.

Canto: 1. Vejam: Eu andei pelas vilas, apontei as saídas como o Pai me pediu. Portas, eu cheguei para abri-las, eu curei as feridas como nunca se viu. /: **Por onde formos também nós, que brilhe a tua luz. Fala, Senhor, na nossa voz, em nossa vida. ./**

Atenção:

Vamos preparar-nos para o próximo encontro, lendo o tema e o texto bíblico. Levar a Bíblia em todos os encontros. Onde faremos o encontro?

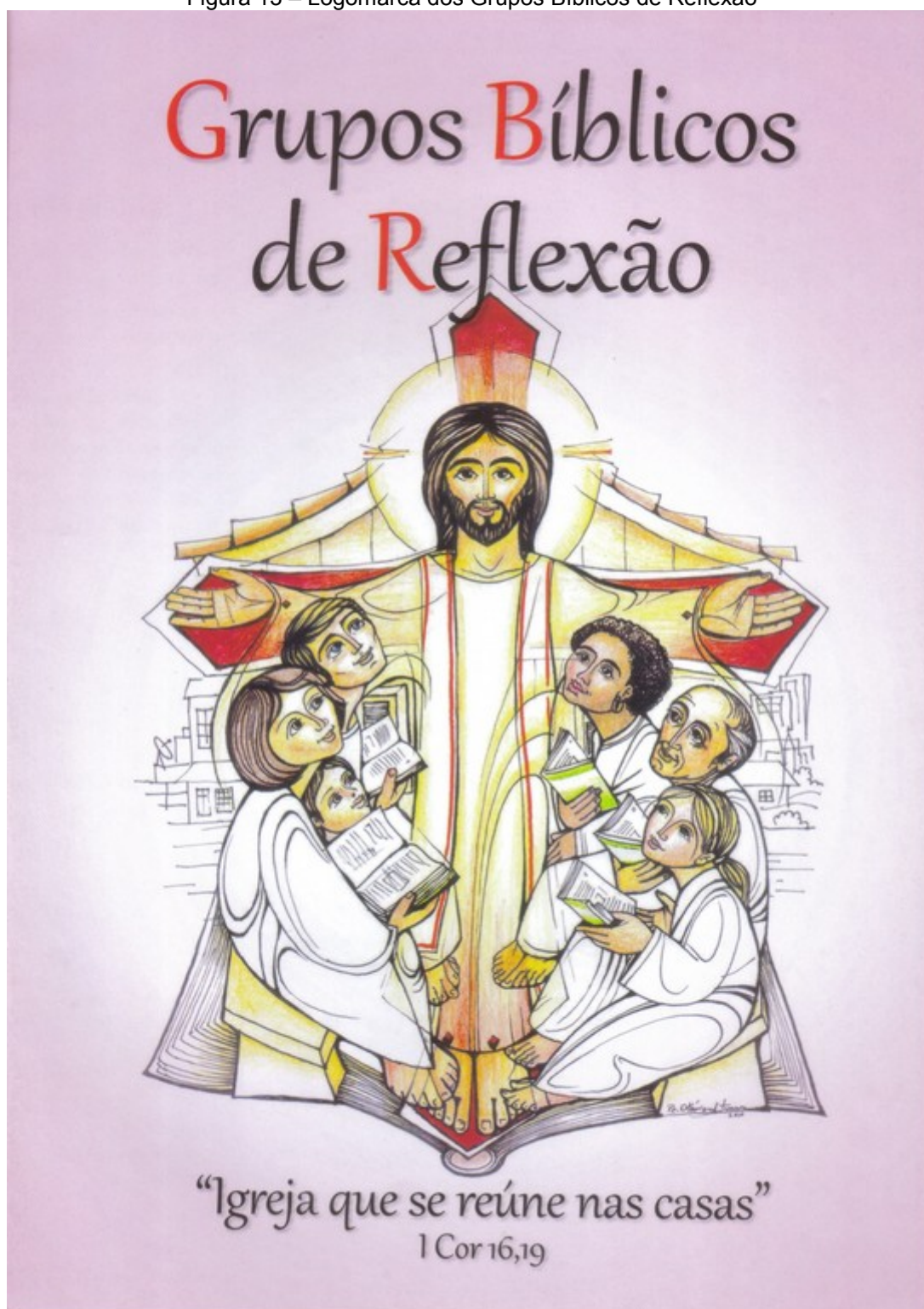
CAMINHADA DOS PROFETAS, SANTOS E MÁRTIRES

*"Se me matam, vou ressuscitar na luta do meu povo!"
(S. Romero)*

Convidamos todas as pessoas para participar da caminhada no dia 06 de março de 2016. Iniciará às 09horas na Comunidade do Mont Serrat e terminará no Alto da Caiera, na Igreja Nossa Senhora Aparecida onde se encontram os quadros com as imagens de alguns Mártires, Santos e Profetas da nossa história.

ANEXO F – LOGOMARCA DO GBR

Figura 13 – Logomarca dos Grupos Bíblicos de Reflexão



Fonte: Diocese de Joinville/Reprodução

ANEXO G – ORAÇÃO DO GBR

Figura 14 – Oração dos Grupos Bíblicos de Reflexão

ORAÇÃO DO GRUPO BÍBLICO DE REFLEXÃO

Senhor nosso Deus,
estamos reunidos em torno de Vossa Palavra,
para aquecer os nossos corações,
com a presença de Jesus em nosso meio,
que nos compreende em nossas fraquezas,
nos alivia em nossas preocupações,
nos preenche da força do Seu Espírito e
nos anima em nossa ação evangelizadora.

Abençoi, Senhor,
as pessoas que animam os Grupos Bíblicos de Reflexão,
para que vivam com dedicação e amor o ministério da animação,
na visitação dos lares de nossos irmãos e irmãs em Cristo Jesus.
Que eu também possa ser membro ativo
na participação dos Grupos Bíblicos de Reflexão.
Que eles sejam sempre mais comunidades vivas, fraternas e dinâmicas
e que a cada dia aumentem os discípulos missionários de Jesus Cristo.
Dai-nos a graça de aceitar e praticar sempre e acima de tudo
a Vossa Santa Vontade e abençoi-nos!
Maria, Mãe dos caminantes,
ensina-nos a caminhar e sede nossa companheira,
guia e proteção, agora e sempre. Amém!

Dom Irineu Roque Scherer
Bispo Diocesano de Joinville/SC

Fonte: Diocese de Joinville/Reprodução

ANEXO H – EXEMPLO DE ENCONTRO DO GBR

Figura 15 – Roteiro de um encontro do GBR – 1ª parte

5º ENCONTRO DE OUTUBRO
31º Domingo do Tempo Comum

*"Hoje a salvação entrou nesta casa".
Lucas 19,1-10*



PREPARAÇÃO DA CASA: *Bíblia aberta, vela, flores, água benta, chaves da casa e moedas, se possível. Receber todos com alegria*

A: Acolhidas e acolhidos nesta casa de irmãos, em torno da Palavra de Deus, pedimos ao Espírito Santo que nos conduza neste encontro.

Canto: Vem Espírito Santo de amor (Nº 46).

A: Espírito Santo de Deus ilumina-nos para que assim como Zaquê nos esforçemos

para conhecer Jesus.

T: Vinde Espírito Santo nos iluminar.

A: Espírito Santo santificador, ilumina-nos para que mesmo com nossas limitações saibamos receber Jesus em nossas casas, através da pessoa do irmão e da irmã.

T: Vinde Espírito Santo nos iluminar.

A: Espírito Santo de amor ajuda-nos para que assim como Zaquê sejamos capazes de fazer um grande esforço para nos converter ao projeto do Reino.

T: Vinde Espírito Santo nos iluminar.

RECORDAÇÃO DA VIDA

A: Do que falava o Evangelho da Semana passada? Como foi a homília do final de semana?

A: O que destacamos de marcante na semana que passou?

LEITURA

O que o texto diz?

A: Os publicanos eram desprezados como traidores do povo por cobrar impostos para os romanos e, ao mesmo tempo, eram tidos como ladões. Escutemos como Jesus se relaciona com um deles, e a boa notícia que recebemos com este fato.

Canto: A Vossa Palavra Senhor, é sinal de interesse por nós (Nº 07).

Evangelho: Lucas 19,1-10.

Fazer um breve momento de silêncio para cada pessoa retomar a leitura individualmente.

A: Relembremos o texto contando com nossas palavras a mensagem do Evangelho.

A: Qual foi a estratégia de Zaquê para ver Jesus?

A: Qual foi a posição do povo frente à atitude de Jesus?

A: Qual foi a atitude de Zaquê depois que recebeu Jesus em sua casa?

A: Qual foi a posição de Jesus diante da decisão de Zaquê?

MEDITAÇÃO

O que o texto diz para nós hoje?

A: Qual é a boa notícia que esta palavra traz para nós? Que atitude nos pede?

A: Como podemos viver e expressar esta Palavra em nosso dia a dia?

A: A salvação entra na casa de Zaquê pela devolução e partilha dos bens com os pobres. Por que existe tanta pobreza na sociedade e pouca partilha?

ORAÇÃO

O que o texto nos faz dizer a Deus?

A: Rezem os Salmos 101 (100)

L1: Vou cantar o amor e a justiça. Para ti, Javé, eu quero tocar. Vou andar na integridade, quando virás a mim? Andarei de coração inteiro dentro da minha casa.

T: Vou cantar o amor e a justiça

L3: Longe de mim o coração perverso. Eu ignoro o perverso. Quem difama seu próximo em segredo, eu o farei calar. Olhar altivo e coração orgulhoso, eu não suportarei.

T: Vou cantar o amor e a justiça

L4: Em minha casa não habitará quem pratica fraudes. E quem fala mentiras não permanecerá diante dos meus olhos.

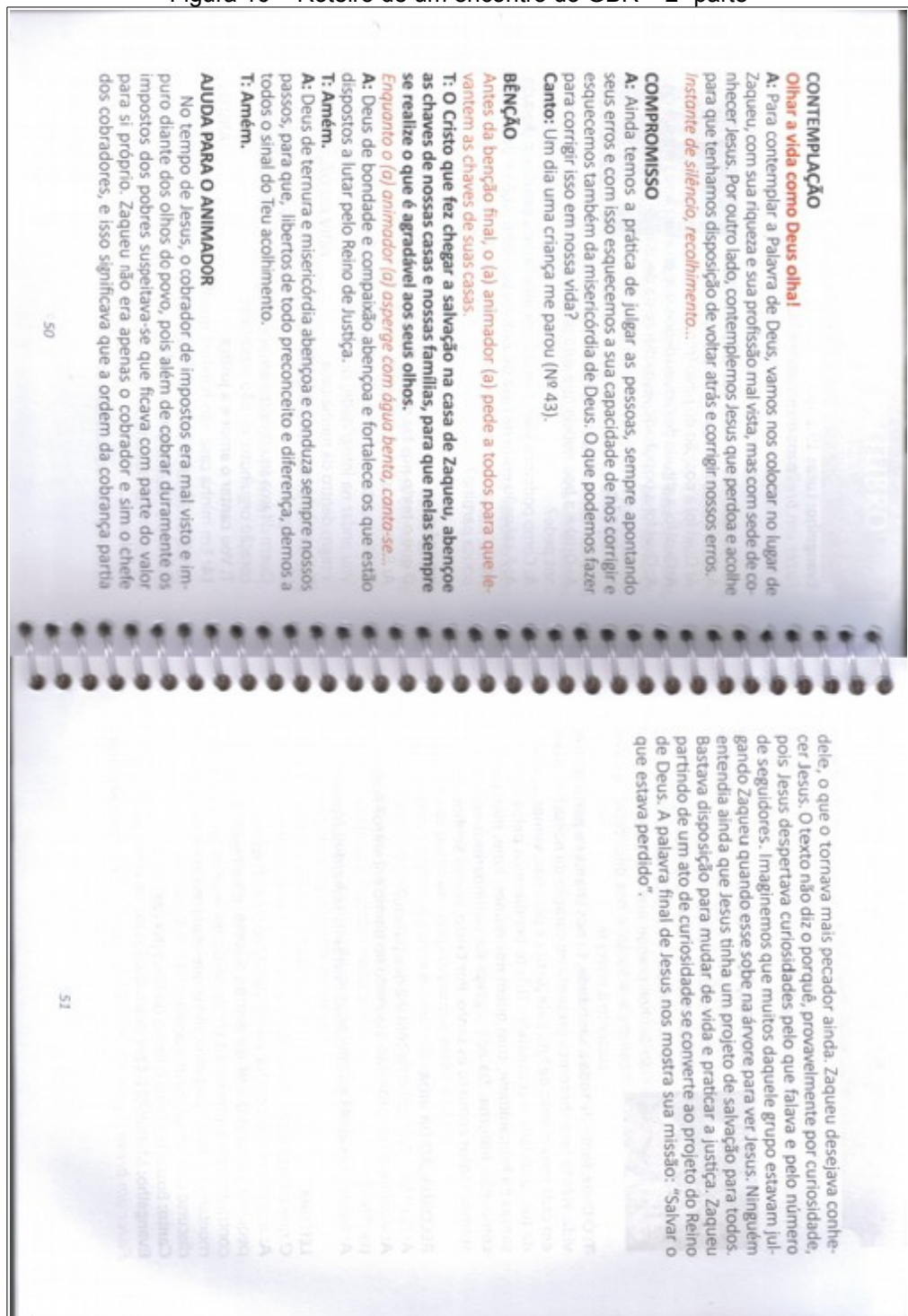
T: Vou cantar o amor e a justiça

Intenções livres.

Pai Nosso....

Fonte: Diocese de Joinville/Reprodução

Figura 16 – Roteiro de um encontro do GBR – 2ª parte



Fonte: Diocese de Joinville/Reprodução